

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

Patricia Stenico do Prado

Corpo passado e presente: construção do corpo contemporâneo na revista Vogue

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

SÃO PAULO
2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

Patricia Stenico do Prado

Corpo passado e presente: construção do corpo contemporâneo na revista Vogue

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Semiótica, na área de concentração Signo e Significação nas Mídias, sob a orientação do Prof. Doutor Rogério da Costa.

SÃO PAULO
2015

Banca Examinadora

À minha família, que sempre incentivou a educação e que eu trilhasse meu próprio caminho. Ao meu companheiro Wesley, que esteve lado a lado durante toda esta jornada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a oportunidade de participar de um programa de pós-graduação tão conceituado como o Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP.

À CNPq/ CAPES pelo subsídio prestado através da bolsa de estudos, de forma a possibilitar a finalização dos estudos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Rogério da Costa, pela orientação sempre presente e pela paciência e acompanhamento valioso e indispensável durante todo o processo.

Aos professores das disciplinas cursadas – Prof^a. Dr^a. Helena Katz, Prof^a. Dr^a. Lucia Santaella e Prof. Dr. Jorge Albuquerque Vieira – pela oportunidade de vivenciar discussões ricas, pelo aprendizado e crescimento acadêmico e pessoal possibilitados durante o programa.

Aos funcionários da PUC e do COS, à Cida Bueno, secretária do programa, por toda a ajuda prestada e por seu comprometimento com os alunos e com a instituição.

À minha família – meu pai Sérgio, minha mãe Fátima e minha irmã Fernanda – pelo amor, amizade e apoio de sempre. Também pelos sacrifícios feitos para prover a melhor educação possível, permitindo que eu chegasse à finalização do Mestrado. Ao meu companheiro, Wesley, por todo incentivo e pela compreensão por tantos momentos em que a dedicação aos estudos nos tornou ausentes. Aos amigos de toda a vida, em especial Isabel, pelo apoio e pelos momentos em que precisamos tornar a existência mais leve e descontraída. Aos amigos feitos no COS, pelo companheirismo, aflições e soluções partilhadas.

*“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.”*

Fernando Pessoa

ABSTRACT

This research aims to investigate the contemporary notion of body presented by Vogue magazine. The body, understood beyond its biological aspect, can be considered - inspired by *corpomídia* theory of Helena Katz and Christine Greiner, which analyzes the corporeality in relation to communication - as the result of its interaction with the environment in which it is inserted and the culture. There is no division between body and culture, as one becomes the other. Thereby, it's possible to be thought as transitional and specific, generated in the interactions of which it is part. A historical analysis of corporeality shows how the society transformations passes through are able to operate significant changes in ways of seeing/ think and deal with the body. The media, for its turn, plays an increasingly inflated role as an important way of dissemination, maintenance and even revolution of the body notions. The biopolitics convocations, as José Luiz Aida Prado says, is one of the media facets that exercise power over the contemporary body, leading to outline the ways of living that culminate in the privileged ideal of attention. Therefore, the fundamental objective of the study is to analyze the speech about the occidental body that Vogue magazine features during the twenty-first century, relating it to the notion of a corporeality that is changeable and that must be considered in accordance to the lived moment by proposing a critical analysis. In order to fulfill an historical background the authors selected were Denise Bernuzzi de Sant'Anna, Nikolas Rose, Michel Foucault and also some authors that worked for the *History of the Body* collection (organized by Jean-Jacques Courtine, Alain Corbin and Georges Vigarello). The discourse analysis were made based in the works of Helena Katz, Gilles Lipovetsky, Nikolas Rose, David Le Breton, José Luiz Aida Prado and Jurandir Freire Costa. *Vogue* shows concepts of bodies who value the thinness, youth and smooth skin, conquered through body manipulation and constant consumption. Although some positivity certainly can be found in worship to contemporary body, the privilege of only one type of body as valid and desirable places in the darkness all other possibilities of bodily existence. Observing this situation allows to build a critique that aims to liberty and to the emancipation of corporeality. Prizes by the need to see what is hidden beneath the visible body.

Keywords: Corpomídia. Manipulable body. Unfinished body. History. Media discourse. Biopolitics.

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo investigar a noção de corpo contemporâneo apresentada pela revista Vogue. O corpo, analisado além de seu aspecto biológico, pode ser considerado – inspirado pela teoria corpomídia de Helena Katz e Christine Greiner, que analisa a corporalidade em relação à comunicação – como o resultado de sua interação com o ambiente em que está inserido e a cultura. Não há divisão entre corpo e cultura, já que um torna-se o outro. É dessa maneira que é possível pensá-lo como transitório e específico, gerado nas interações das quais faz parte. Uma análise histórica da corporalidade mostra como as transformações pelas quais a sociedade passa são capazes de operar mudanças significativas nos modos de ver/tratar e pensar o corpo. A mídia, por sua vez, tem seu papel cada vez mais inflacionado como importante meio de disseminação, manutenção e mesmo de revolução das noções de corpo. As convocações biopolíticas, das quais fala José Luiz Aidar Prado, são uma das facetas da mídia que exercem poder sobre o corpo contemporâneo, tratando de delinear os modos de viver que culminam no ideal privilegiado de atenção. Dessa forma, o objetivo fundamental do estudo é analisar o discurso sobre o corpo ocidental que a revista selecionada apresenta durante o século XXI, relacionando-o à noção de corporalidade mutável e em consonância ao momento vivido, propondo uma análise crítica do mesmo. O percurso histórico é baseado nas obras de Denise Bernuzzi de Sant’Anna, Nikolas Rose, Michel Foucault e em alguns artigos da coletânea *História do Corpo* (organizada por Jean-Jacques Courtine, Alain Corbin e Georges Vigarello). As análises dos discursos são feitas a partir das obras de Helena Katz, Gilles Lipovetsky, Nikolas Rose, David Le Breton, José Luiz Aidar Prado e Jurandir Freire Costa. Vogue exhibe corpos que prezam pela magreza, juventude e pele lisa, conquistados através da manipulação corporal e do consumo constante. Apesar de, certamente, haver certa positividade no culto ao corpo contemporâneo, o privilégio de apenas um tipo de corpo como válido e desejável, coloca na escuridão todas as outras possibilidades de existência corporal. Observar tal situação permite construir uma crítica que visa a liberdade e a emancipação da corporalidade. Preza-se pela necessidade de enxergar o que está escondido por baixo do corpo visível.

Palavras-chave: Corpomídia. Corpo manipulável. Corpo inacabado. História. Discurso midiático. Biopolítica.

SUMÁRIO

Introdução.....	09
Capítulo 1 – Da antiguidade ao século XIX: notas sobre a corporalidade ocidental.....	13
1.1 Do corpo microcosmo ao corpo anatômico.....	14
1.2 O corpo atravessado pela religião.....	19
1.3 Corpo e sexualidade nos séculos modernos além da religião.....	27
1.4 Repressão sexual?.....	31
Capítulo 2 – Século XX em diante: tecnologia, beleza e liberação?.....	34
2.1 A beleza no Brasil do século XX.....	36
2.2 Sexualidade no século XX.....	43
2.3 Corpo, raça e controle: eugenia no século XX.....	47
2.4 Século XXI: molecularização do ser?.....	48
2.5 Seres neuroquímicos?.....	51
Capítulo 3 – Corporalidade do século XXI.....	52
3.1 O corpo.....	52
3.2 Corpo manipulável.....	66
3.3 Corpo inacabado.....	73
Considerações finais.....	84
Referências Bibliográficas.....	89

INTRODUÇÃO

Pensar o corpo é pensar a vida. A vida biológica, mas também a econômica, política, subjetiva, social e moral de uma população. Falar de corpo é falar de movimento, mas também de cuidados, anseios, preocupações, dilemas. Discutir o corpo é discutir ciências naturais, mas também ideias, preconceitos, julgamentos, estigmatização e segregação.

Atravessado pelos mais diversos discursos, o corpo sempre foi objeto privilegiado de atenção. Investido de variados significados, sempre em consonância ao momento histórico correspondente, o corpo foi submetido a diferentes formas de regime e teve sua existência escrutinada pelas instituições (médicas, políticas, econômicas, religiosas, etc.) e seus discursos.

Uma vez considerada a parte decaída do homem e o depósito do pecado, hoje, certamente mais livre das amarras das grandes instituições reguladoras do passado, como a religião, o corpo triunfa como um respeitável objeto de investimento. Cuidar do físico de maneira minuciosa, o que antigamente poderia ser visto com maus olhos, como ato egoísta e fútil, atualmente é um dever e um direito de todos.

O corpo, porém, longe de ser apenas o cadáver que suporta nossa existência ou a carne que a ciência e a medicina dissecam, cortam, remendam e manipulam, deve ser considerado em toda sua potencialidade. Superado o domínio do dualismo cartesiano e da noção que separava o corpo da cultura, a reflexão sobre o mesmo ganha em complexidade e profundidade.

Falar em corpo não deve ser sinônimo de falar de algo universal e imutável. Conforme as reflexões de Katz (2004), o corpo deve ser sempre considerado um caso único, relacionado ao momento em que está imerso. A melhor forma de defini-lo é como o resultado provisório de um processo de co-evolução da vida. Nas palavras da autora, “A coleção de informações que dá nascimento ao corpo humano o faz quando se organiza como uma mídia dos processos sempre em curso – daí a transitoriedade de sua forma. Por isso, olhar o corpo representa sempre olhar o ambiente que constitui a sua materialidade.” (KATZ, 2004, p. 14).

Em outra obra, a mesma autora retorna ao tema anterior refletindo que o “corpo é sempre um estado provisório da coleção de informações que o constitui como corpo. Esse estado vincula-se aos acordos que vão sendo estabelecidos com os ambientes em que vive” (KATZ, 2011, p. 69). A autora é enfática na luta por uma compreensão da corporalidade abrangente e crítica, contra o estabelecimento de um único padrão corporal em detrimento de outros e o sistema de poder que está por trás disso. Ao mesmo tempo, observa a importância da comunicação e do ambiente na questão da corporalidade.

É nesse cenário que é possível pensar a importância do estudo da mídia para a reflexão crítica do corpo. Os meios de comunicação são importantes no processo não apenas de disseminação, mas também de manutenção (e às vezes até de revolução) de determinadas noções de corpo. Os modos de ver/tratar/lidar/pensar o corpo são amplamente influenciados por tais meios.

A mídia é, ao mesmo tempo, importante refletor e produtor da realidade do corpo. De acordo com o viés da publicação, ela é capaz de produzir determinado tipo de corpo. Atualmente, a grande maioria – principalmente aquelas voltadas ao público feminino – valoriza cada vez mais a aparência e as regras para a boa saúde e a beleza.

Marcondes Filho (2000 apud PRADO, 2013, p. 29-30) fala sobre o período pós-década de 1970 como um momento em que o jornalismo acumula, junto à antiga tarefa de noticiar fatos, e com o apoio de diversos especialistas, a função de divulgar conteúdos repletos de dicas de como viver, de autoajuda, etc. Nas palavras de Prado (2013, p. 30),

Os enunciadores mediáticos, do *marketing* e da publicidade são sujeitos-supostos-sabedores, que convocam os receptores a uma experiência, fornecendo os saberes, na forma de mapas e receitas modalizadoras para as ações, homólogas aos livros de autoajuda. Modalizar significa motivar o destinatário da comunicação a ser alguém ou a fazer algo a partir de um querer, fornecendo a ele um saber e indicando o dever fazer.

Atualmente, a mídia tem um importante papel na divulgação de hábitos e noções de cuidado com o corpo. A discussão sobre o cuidado do corpo é assumida pelos especialistas (esteticistas, geneticistas, maquiadores, *personal trainers*, etc.) e os meios de comunicação se encarregam de disseminar as regras e a conduta ideal para a conquista do corpo desejado. Conforme a reflexão de Katz (2012, p. 22), “são as imagens difusoras de certo tipo de corpo que pautam nosso comportamento, nossas normas de convívio e a economia capaz de dar forma à sociedade na qual hoje vivemos”.

Uma importante problemática envolvendo o corpo e a mídia envolve a disseminação de determinados modelos corporais – assim como do imaginário emaranhado nos mesmos – em detrimento de outros e o que isso traz como consequência. Ao refletir sobre esse tema, é inevitável notar a influência decisiva dos meios de comunicação na consolidação e promoção de uma imagem de corpo específica. É possível, então, questionar de que modo a imagem de corpo privilegiada e difundida pelos mesmos torna-se central e reverbera nos hábitos de consumo das pessoas, trazendo importantes modificações nos estilos de vida e criando uma moralidade baseada na corporalidade.

Buscando se aproximar de um entendimento do corpo do século XXI, a dissertação primeiramente esmiuçar algumas questões históricas da corporalidade. O primeiro capítulo se dedica ao corpo ocidental da Antiguidade até o século XIX, tendo em mente a noção de sua transitoriedade e dependência do ambiente. Para tanto, apenas alguns aspectos são priorizados, visto que a história do corpo é um tema extremamente abrangente e não seria possível esgotá-la nesta pesquisa. Dessa forma, primeiramente será o imaginário do corpo da Antiguidade – com foco na civilização grega clássica – que terá alguns pontos esclarecidos, em virtude da importância que a Grécia Antiga teve para a consolidação da cultura ocidental. Logo após, será o corpo cristão que será analisado. Extremamente influente até os dias de hoje, o cristianismo sempre teve importante participação nos modos de ver/tratar o corpo e a sexualidade. A sexualidade será também tratada a fim de discutir importantes aspectos do imaginário corporal e da subjetividade. Por fim, aspectos importantes do imaginário corporal da Idade Moderna serão discutidos, como o lugar da prostituição, da repressão da sexualidade dos jovens, etc. A escolha desses momentos para a pesquisa teve como critério a relevância que as mesmas exerceram para a consolidação do imaginário de corpo do mundo ocidental. Não há aqui a pretensão de abranger uma universalidade da história do corpo humano, mas apenas apresentar alguns pontos da história que foram significativos na construção de um ideal de corpo e da subjetividade do homem ocidental, sem que isso implique considerar que os aspectos que não aparecem aqui sejam menos importantes.

O segundo capítulo busca estabelecer as bases para um entendimento do imaginário do corpo do século XX em diante e para uma análise de especificidades da noção de beleza. A princípio, uma breve análise de importantes alterações do cotidiano e da subjetividade, ou seja, da vida no Ocidente no séc. XX e sua relação com a corporalidade será feita. Essa análise passará por diversos aspectos, desde o desnudamento dos corpos até o afloramento e ápice das questões eugênicas. Em um segundo momento, questões importantes do séc.

XX/XXI como o surgimento e aprimoramento das biotecnologias serão discutidas também em relação às alterações do imaginário do corpo que elas podem trazer.

O terceiro e último capítulo chega finalmente à análise do corpo do século XXI. Sua contemporaneidade pede uma forma de análise que permita um exame de resultados quase que instantâneos, já que ele está ocorrendo neste exato momento. A análise da mídia, então, mostra-se importante aliada nesse processo. Para tanto, o foco desta pesquisa está na revista Vogue, mais especificamente na seção Beleza da mesma e em algumas matérias avulsas. Escolhida por sua importância no mundo da moda e pela importância que a moda tem na configuração dos corpos, a revista mostra-se uma ferramenta significativa para o entendimento do corpo contemporâneo. Por ser um tema de enorme abrangência, como no caso da história, e não ser possível esgotá-lo em uma dissertação, o capítulo focará nos discursos feitos pela revista em relação ao corpo.

Inspirado pelo belíssimo artigo de Katz (2012), no qual a autora nos incita a enxergar o que fica na escuridão das luzes do corpo visível, espera-se que esta dissertação auxilie a construir uma visão crítica e emancipatória da corporalidade. Que seja capaz de trazer certa liberdade e discernimento, mas também de inspirar mais trabalhos para cobrir as lacunas que seguramente ficarão, visto que o tema dificilmente será algum dia esgotado.

Capítulo 1

Da antiguidade ao século XIX: notas sobre a corporalidade ocidental

Este primeiro capítulo revisará alguns aspectos importantes da história da corporalidade que apresentam ainda hoje influências significativas quando se fala de corpo. As reflexões aqui propostas, junto à análise do material selecionado, serão importantes para compreender como o corpo se modifica na sua função de referência identitária até chegar ao que é hoje e sua relação com o consumo.

Não se pretende aqui abranger toda uma história do corpo, já que, para isso, seria necessário percorrer inúmeros caminhos e perspectivas das mais variadas a fim de envolver um tema tão extenso. Já dizia a historiadora Sant'Anna (2006, p. 3): “Realizar uma história do corpo é um trabalho tão vasto e arriscado quanto aquele de escrever uma história da vida”. Dessa forma, pretende-se neste capítulo sublinhar alguns aspectos importantes a respeito de determinadas – porém não todas – questões da corporalidade que estiveram presentes na história da humanidade, até o século XIX. Selecionaram-se aqueles pontos que poderiam ajudar nas reflexões acerca do corpo do século XXI no Brasil, privilegiando então uma visão direcionada ao cristianismo e à corporalidade do Ocidente, cujas influências são significativas na cultura brasileira não apenas desta época, mas até a contemporaneidade.

A história do corpo apresenta continuidades e descontinuidades em relação ao passado – momentos em que determinadas concepções guiam o pensar sobre este; momentos em que estas são percebidas como antiquadas e substituídas por outras – sempre em ligação direta ao contexto total em que a sociedade está inserida. Sobre essa flutuação do corpo em relação ao ambiente em que está inserido e a história, Bartolo (2007, p. 15) diz que

A história do corpo é a história da sua permanente produção, a cada novo regime de saber capaz de produzir uma leitura do corpo corresponde um determinado regime de poder cujo impacto extravasa sempre e em muito a pequenez do corpo de alguém que, como um trovão surpreendendo a noite escura, passou pela vida.

Os regimes de saber/poder estão expressos por todos os lados, produzindo os corpos e as subjetividades específicas de uma época. Uma investigação das práticas, das tecnologias e

dos discursos desses regimes é capaz de apontar importantes aspectos para o entendimento da corporalidade que elas privilegiam.

Estudar o passado é estudar o presente e o futuro. O passado diz sobre quem fomos, mas também sobre quem somos e seremos. Muito do passado ainda está em nós e possibilita que nos transformemos.

1.1 Do corpo microcosmo ao corpo anatômico

No tempo da Antiguidade, o corpo humano, nas palavras de Sant’anna (2006, p. 6), “[...] era considerado um microcosmo vivendo no seio de um macrocosmo”. O macrocosmo, no caso, era a natureza.

Conforme relata a autora, o corpo tinha na natureza sua principal referência, já ele estava diretamente conectado e integrado à mesma. Ambos eram compostos de quatro elementos: fogo, ar, água e terra. O desequilíbrio entre esses elementos era o que caracterizava a doença, a qual era tratada pela medicina desenvolvida pelo médico e filósofo Hipócrates (460 – 370 a.C.) no século V a.C. e que considerava não apenas o corpo em si, mas também o ambiente em que estava inserido. Dessa forma, acreditava-se que se o ambiente estivesse desequilibrado, o corpo seria imediatamente afetado e vice-versa. A cura viria da própria natureza, capaz de encontrar o equilíbrio entre os componentes constituintes do ser humano. O que poderia ser feito para auxiliar o processo estava sempre relacionado a manobras que hoje seriam consideradas como constituintes da medicina natural. O regime alimentar era uma das principais formas de reequilibrar o organismo. De acordo com a necessidade do caso, a pessoa teria indicação para o consumo de alimentos quentes, frios, úmidos ou secos. Estes deveriam estar em consonância com as condições do meio ambiente e da pessoa (clima, estação do ano, idade, etc.).

Importante lembrar, como bem salienta a autora, que a existência da medicina hipocrática não exclui a influência que a magia e a religião exerciam na época. “[...] ao lado da medicina hipocrática, havia uma grande diversidade de crenças e de religiões, para as quais o corpo não cessava de ser atravessado por fenômenos mágicos, vivendo submetidos aos desígnios divinos.” (SANT’ANNA, 2006, p. 8)

Elas também eram recursos importantes na busca pela cura. O que não deixaria de ser criticado, salienta a autora, primeiramente por Platão (427 – 347 a.C.), que, assim como

Hipócrates, também assimilava o corpo ao cosmo e caracterizava a doença como um desequilíbrio entre os componentes do ser humano. Para ele, o corpo era constituído dos mesmos quatro elementos definidos pelo médico e também por uma alma imortal (na verdade, por três almas). Para o filósofo, o homem era formado por três almas, sendo apenas uma delas – a referente à inteligência – imortal. Ele afirmava a superioridade da alma imortal sobre os outros componentes, mas a relação entre o corpo e o cosmo ainda era mantida.

O historiador Reale (2002), ao estudar o corpo segundo Platão, defende ser preciso tomar alguns cuidados para não se equivocar com as leituras do filósofo. Segundo Reale (2002), uma aproximação feita sem cuidados, dos diálogos de Platão, indicaria que o mesmo apresenta uma visão extremista que relega ao corpo o cargo de túmulo da alma e que é responsável por atravancar a evolução do conhecimento (que seria apenas alcançado pela alma, afastada de toda interferência corporal). Longe de representar a verdade, essa noção das ideias de Platão é equivocada, na medida em que as tira do seu contexto. O autor se refere as suas ideias como, de certa forma, temperadas.

Reale (2002) afirma que, para Platão, o corpo e a alma foram criados pelos deuses de maneira a se unirem de forma natural e harmônica. Há no corpo do homem os mesmos elementos usados para criar a alma do mundo. Ele foi criado da maneira mais perfeita possível pelos deuses. Tão logo o corpo também é criação divina, tão logo não pode ser desvalorizado. A este corpo criado pelos deuses, Platão refere-se também como um veículo da alma, sem que isso implique na sua desvalorização extrema.

Voltando às análises de Sant’Anna (2006), Aristóteles (384 – 322 a.C.) vai seguir mantendo a associação entre o cosmos e o corpo, já que, para ele, a vida adulta e perfeita se assemelha ao movimento circular dos astros, que não possui uma finalidade, posto que esta já foi atingida (como a de um adulto que já cresceu e atingiu a maturidade; a morte, por sua vez, é considerada pelo filósofo como um acidente, uma vez que o caminho é sempre em direção à perfeição), e então deve ser pensada em termos de atos, não de fins. Aristóteles considerava o corpo formado por alma e matéria; sendo a alma a forma do corpo, seu princípio dinâmico. O filósofo relaciona a existência da vida a um fogo vital, responsável por ativá-la. A grande responsável, porém, pelo crescimento e desenvolvimento do corpo é a alma.

Galeno (129 – 200 d.C.), nascido na atual Turquia, continua a propagar a importância da relação entre natureza e corpo, sendo este: “[...] uma espécie de máquina criada pela providência divina, vivendo numa natureza que possuía, tal como o humano, uma espécie de

alma” (SANT’ANNA, 2006, p. 12). Para ele, o equilíbrio entre as diversas partes do organismo, criadas e harmonizadas por Deus, caracterizaria a saúde. Cada elemento do corpo, assim como os astros, segue seu próprio funcionamento para que, no fim, o equilíbrio seja atingido.

Segundo os estudos de Sennet (2014), os pensamentos de Galeno estavam mais próximos das noções de saúde de Hipócrates que das noções da medicina moderna. O médico chegava até a definir comportamentos característicos daqueles que estivessem com os fluidos corporais e o calor desequilibrados. Cada temperamento tinha uma correspondência com o físico. O pensamento de Galeno seguirá como uma importante referência até a Idade Média

Conforme as reflexões de Porter e Vigarello (2012), o entendimento de corpo da Antiguidade é justificado pelo pensamento científico da época em que, baseado nos conhecimentos disponíveis, assinalavam a correspondência entre a regularidade das mudanças sazonais da natureza e das doenças no leito dos enfermos. Tal pensamento científico não inclui qualquer conhecimento dos processos internos do corpo, já que, nesse tempo, não havia tradição ou lógica que justificasse a prática da dissecação.

Conforme análises desses mesmos autores, muito tempo se passou até que estes conceitos de corpo, saúde e doença fossem substituídos. Escolas importantes de medicina existentes nas terras do Islã e do Ocidente Medieval fundamentavam-se nas mesmas escolas gregas. No entanto, o cenário começou a se alterar com o avanço do tempo e com o aumento da curiosidade científica ocorrido com a agitação intelectual do Renascimento e o fim da Idade Média. Buscava-se cada vez mais alicerçar qualquer tipo de conhecimento em bases sólidas e comprováveis.

Porter e Vigarello (2012) apontam as dissecações como uma maneira encontrada, a partir do século XIV, para responder à necessidade de conhecimento mais profundo a respeito do corpo humano. Na Itália, um dos principais palcos do desenvolvimento científico da época, as dissecações tornaram-se eventos semelhantes a espetáculos. Acompanhado da obra de Galeno, um professor instruía a plateia enquanto seu assistente e um dissecador responsabilizavam-se pelo trabalho manual.

Os experimentos de Henri de Mende ville, na Paris do século XIV, ainda que estivessem centrados sob a noção de corpo de Galeno, concluíram por uma organização de corpo diferenciada, aponta Sennett (2014). O corpo, para Mende ville, estaria separado em

duas partes: uma nobre (formada pela cabeça e pelo coração) e uma produtiva (formado pelo estômago). O aquecimento distinto entre essas partes seria o correspondente à doença, pois a diferença de temperatura seria responsável pelo desequilíbrio dos humores dos fluidos corporais. Sennett (2014) salienta também o fato de o cirurgião ter descoberto uma espécie de comisseração de um órgão em relação ao outro. Para ele, o aporte sanguíneo aumentado para um órgão debilitado era um claro exemplo de compaixão dentro do organismo. Essa noção ia ao encontro da ideia do cristianismo que privilegiava o corpo benevolente, que, inspirado em Cristo, sentia o sofrimento do outro (esse tema será retomado mais à frente).

A obra publicada por Vesálio em 1543, *Da construção do corpo humano*, é considerada um marco na mudança do pensamento científico. O autor desafia os ensinamentos de Galeno, argumenta Porter e Vigarello (2012), predominantes até então, exaltando a observação pessoal e a precisão. Mais do que aclamado por grandes descobertas, Vesálio é responsável pela instalação de um ambiente científico crítico e contestador, que primava pela busca de um conhecimento embasado e comprovado teoricamente e não aceitava aquele herdado pela tradição sem contestá-lo. Foi através da sua obra que a anatomia ganhou um lugar inédito no estudo do corpo. Nas palavras de Porter e Vigarello (2012, p. 453),

A obra de Vesálio está na origem da exploração do corpo. Revolução decisiva, embora tenha levado antes a uma melhor compreensão das estruturas do que a uma melhor compreensão das funções. Ela criou uma cultura, um “clima” promovendo a anatomia a fundamento da ciência médica.

Os autores salientam que o aumento dos estudos anatômicos, a busca pela exata demonstração dos mecanismos pelos quais o corpo opera e os avanços no desenvolvimento das ciências físicas fez crescer, no século XVII, uma visão mecanicista do organismo. O corpo distancia-se da visão encantada e cósmica para tornar-se cada vez mais uma máquina repleta de engrenagens. A mecânica, a física e a química tomam o lugar antes ocupado pela natureza e pela magia.

Sennett (2014) aponta os estudos feitos por William Harvey, publicados em 1628, como uma grande revolução no conhecimento do corpo. O autor foi pioneiro em descobertas a respeito da circulação do sangue e da respiração, abalando a antiga certeza que pairava sobre a noção de que o sangue circulava por um corpo que tinha um aquecimento próprio. Harvey descobre que, pelo contrário, o sangue é quem era o responsável pelo aquecimento do corpo, de forma que o coração transforma-se em uma máquina de bombeamento. Nas palavras de

Sennett (2014, p. 261): “Por meio de suas descobertas sobre a circulação do sangue, Harvey deu início a uma revolução científica que mudou toda a compreensão do corpo – sua estrutura, seu estado de saúde e sua relação com a alma – dando origem a um novo modelo de imagem.”

A ideia do coração como uma máquina abalou as discussões que os médicos cristãos travavam a respeito da localização da alma humana. Alguns acreditavam que ela estava localizada no coração, outros, no cérebro: acreditava-se que uma certa essência espiritual estava intrincada no corpo, reflete Sennett (2014). As descobertas de Harvey complicavam esse cenário, ao mesmo tempo que começavam a individualizar os componentes do corpo. Para ele, “[...] embora o animal humano possuísse uma alma imaterial, a presença de Deus no mundo não explica de que modo o coração faz o sangue circular” (SENNETT, 2014, p. 265).

Porter e Vigarello (2012), no mesmo sentido, afirmam que nem todos os avanços na direção de uma representação de corpo mecânica, física ou química significam uma redução do mesmo à noção de máquina. A questão da alma ainda era extremamente discutida e ainda tinha seu lugar na representação do homem. Inúmeras pesquisas feitas no século XVII foram realizadas com o intuito de descobrir se o organismo realmente era uma máquina ou se havia algo mais nele.

Os avanços nas áreas de estudos da neurologia, do funcionamento do corpo, das respostas a estímulos externos, das fibras e do tônus muscular, entre outros, contribuíram para a construção de uma representação de corpo mais complexa, distante daquela defendida pelos médicos entre os séculos XVI e XVII, mais simplista e baseada na anatomia primária. As “[...] explicações e monções dos textos do século XVIII modificaram insensivelmente a representação clássica do corpo. Em âmbito maior, elas se transformaram em fenômeno de cultura” (PORTER; VIGARELLO, 2012, p. 474). O entendimento do corpo muda ainda mais a partir da compreensão do funcionamento das fibras musculares.

No século XVIII, a fibra muscular, observada pelos microscópios da época, tornou-se a unidade primeira do corpo. Claramente, como assinalam Porter e Vigarello (2012), trazendo importantes modificações culturais, inclusive. Os autores indicam uma carta do médico Tronchin de 1759 na qual o mesmo recomenda uma série de práticas a fim de trabalhar a resistência das fibras, práticas estas que influenciariam na obtenção de uma maior resistência, inclusive moral. Esta associação, comum no século XVIII, entre a resistência da fibra muscular e do homem, era enunciada como uma maneira de aperfeiçoar o ser humano

imediatamente, em relação à saúde e, posteriormente, em relação a um possível reforço das gerações futuras. Dessa forma, surge, nessa ocasião, uma nova visão de ser humano, extremamente apropriada ao momento histórico vivido, especialmente pela burguesia. Se o homem era capaz de segurar as rédeas e aprimorar seu próprio corpo, também era capaz de ser autônomo e resistente, de lutar pelos seus ideais, fortalecendo-se e cuidando das próximas gerações.

A saúde passa, cada vez mais, a ser vista como uma responsabilidade individual, reflete Sennett (2014). O autor analisa que esse fato será acompanhado por importantes mudanças na vida cotidiana das pessoas e das cidades, que começarão a se preocupar mais com a saúde, a higiene e o saneamento básico. O corpo imaginado como máquina vem acompanhado por mudanças nas regras de civilidade que o associam à cidade. Esta, por sua vez, terá que passar por certas alterações.

1.2 O corpo atravessado pela religião

As reflexões de Gélis (2012) sobre o corpo cristão apontam importantes caminhos pelos quais é possível observar a questão da corporalidade no campo religioso.

O corpo tem papel fundamental dentro do cristianismo. Afinal, foi, ao enviar seu próprio Filho, em carne e alma, que Deus deu a chance aos homens de salvarem-se. O corpo de Cristo é digno, puro, elevado à mais alta perfeição, foi torturado e ressuscitado para limpar o pecado do mundo. É também encarnado na hóstia que purifica os cristãos. Nas palavras do autor, “a fé e a devoção ao corpo de Cristo contribuíram para elevar o corpo a uma alta dignidade, fazendo dele um sujeito da História” (GÉLIS, 2012, p. 19).

Em oposição a esse corpo elevado à mais alta pureza, porém, encontra-se uma outra imagem, o seu contrário: a do pecador. É o corpo do homem comum, tentado pelos pecados, pelos riscos de uma vida desviada dos ensinamentos divinos. É o ponto fraco do indivíduo, que o aterroriza pela fraqueza da carne, a qual pode sucumbir às tentações a qualquer momento: “[...] pois se ouve incessantemente dizer que é pelo corpo que ele corre o risco de perder-se” (GÉLIS, 2012, p. 20). Diferente do corpo microcosmo, aqui corpo e alma estão afastados, já não são a mesma coisa. A salvação dela, porém, depende diretamente do comportamento dele.

Conforme analisa o autor, essas duas imagens ambíguas do corpo (o santo/o depreciado) são constantes no discurso cristão. É constante também a evolução da visão da Igreja com o tempo. Ora a visão é extremamente pessimista, ora é um pouco mais equilibrada, positiva. Obviamente, o discurso da Igreja está em evolução em conformidade ao momento histórico. Como pontua o autor, é importante ressaltar que, apesar de ser oficial, o discurso da Igreja Católica não deve ser sempre considerado unânime. Mesmo com os esforços da Igreja, até mesmo no período da Modernidade, ainda existia forte influência do pensamento rural, agropastoril, o qual compartilhava uma noção de corpo mais mágica, diferente da visão da Igreja que, majoritariamente, considerava-o sem valor e de duração efêmera.

Gélis (2012) aponta também para a importância da imagem na religião. Ela é “[...] uma arma indispensável à manutenção das populações na Igreja ou em reconquistá-las” (GÉLIS, 2012, p. 23). A imagem do corpo de Cristo, muitas vezes em agonia explícita, é central.

É do sofrimento do Filho de Deus encarnado que provém a salvação dos pecadores. A salvação está diretamente relacionada à perda do corpo do Salvador, à sua morte e ressurreição na terra e ascensão ao céu. O autor aponta o Concílio de Trento (1546) como o maior responsável pelo fortalecimento do cristocentrismo. Os padres reunidos na ocasião colocaram Cristo no centro da salvação, fazendo com que cada fase de sua vida terrena se tornasse algo a ser cultuado, da mesma forma que incentivaram o surgimento e disseminação de crenças e ritos diversos ligados ao seu corpo sofredor (os instrumentos da paixão passaram a ser venerados, assim como as cinco chagas). O sofrimento de Jesus é cultuado e retratado pela Igreja das mais diversas maneiras.

O culto ao corpo de Cristo em sofrimento, afirma Sennett (2014), foi encarado pelos religiosos também no sentido da compaixão e benevolência. O autor argumenta que “desde que a dor divina uniu-se às aflições humanas, movimentos baseados na ‘Imitação de Cristo’ renovaram a experiência da piedade pelo próximo: assumia-se a angústia do outro como um infortúnio pessoal” (SENNETT, 2014, p. 166), de forma que o comportamento do religioso abrange cada vez mais a questão da caridade.

Para os fiéis, há diversas formas para entrar em contato com o corpo de Cristo, reflete Gélis (2012). Através da hóstia, ele torna-se o alimento que permite que o fiel comungue com ele, “incorporando-se”, ao mesmo tempo que se purifica, apagando todos seus pecados e faltas, e se reafirma como integrante do corpo de Cristo, aqui no sentido de povo de Cristo.

Através do sofrimento, os místicos, na Idade Moderna, buscavam mais que a comunhão. Inspirados por modelos medievais, como São Jerônimo, Santo Antônio ou São Nicolau de Tolentino, eles queriam partilhar da dor do Salvador, infligindo aos seus corpos sofrimentos que se aproximassem daqueles sofridos por ele. Para eles, dessa forma, alcançariam a salvação eterna. Na sua lógica, “se o corpo é o principal obstáculo para chegar a Deus, ele pode também ser o meio de operar sua salvação” (GÉLIS, 2012, p. 53). De acordo com as análises do autor, para que seja possível chegar a tal ponto, é preciso que o místico considere o corpo como sua parte mais decaída, que ela seja a parte mais desvalorizada, considerada uma ameaça à salvação da alma, que ela seja a parte suja do ser. Através desse tipo de raciocínio, é possível que os prazeres mundanos sejam renegados em prol de uma vida de sacrifícios.

O corpo disposto a tal existência deve ser disciplinado, manter-se domado e renegado: “domar a própria carne é antes de tudo infligir-se uma feroz disciplina” (GÉLIS, 2012, p. 55). Uma das formas para alcançar esse patamar citada pelo autor é a prática da privação alimentar, para que o místico pudesse sentir que seu espírito enfim venceu a carne e suas necessidades primitivas, estando, então, mais próximo do divino e distinto dos demais.

Outras maneiras listadas pelo autor para disciplinar o corpo são as macerações e mortificações. Estas pretendem superar todos os possíveis desvios da carne fraca, passível de ceder às tentações. Aquele que as praticava pretendia se tornar “senhor de seu corpo” (GÉLIS, 2012, p. 58). Este deveria ser constantemente coagido e vigiado, punido sempre que necessário. Ao mesmo tempo, porém, os castigos deveriam ter limites, já que poderiam causar a morte e isso seria um pecado gravíssimo. Gélis (2012) destaca o fato de que os místicos rejeitavam a ideia do suicídio, pois, além de ser uma grande falta com Deus, significaria o fim do sofrimento que os assemelhava e aproximava do Cristo.

A doença é outro meio listado para se aproximar do Deus sofredor. Nesse caso, o sofrimento deveria ser tolerado apesar de tudo. O religioso deveria suportá-lo pacientemente, uma vez que a enfermidade era considerada uma forma encontrada por Deus para mostrar ao mundo os seus eleitos, aqueles que deveriam vencer o sofrimento da carne pelo espírito. Nos séculos modernos, além da doença em si, os tratamentos, as intervenções cirúrgicas, também eram suportados, já que estes obviamente não contavam com anestesia ou com as tecnologias hoje largamente difundidas. Os médicos assistiam com torpor os pacientes suportarem sofrimentos terríveis, apegando-se a sua fé e salvação.

Não bastava, porém, transformar o sofrimento em regra de vida, pontua Gélis (2012). Para os místicos, era preciso que os acontecimentos fossem testemunhados e propagados por toda a comunidade. O sacrifício realizado ganhava sentido na medida em que era feito sob o olhar do outro. Este, por sua vez, seria o responsável por dar sentido aos fatos, na transmissão dos mesmos, visto que os santos buscavam a salvação mais dos outros que deles mesmos.

Um pouco mais distante dos santos, mártires e místicos, os fiéis comuns buscavam garantir seu lugar no paraíso com a esperança da ressurreição, argumenta o mesmo autor. Essa esperança operou alterações significativas no modo de tratar os restos mortais, pois se acreditava que, no dia prometido, os ossos se juntariam novamente para uma nova vida com Cristo e, para tanto, as ossadas deveriam estar devidamente conservadas. Até o séc. XVI, porém, elas tinham como repouso cemitérios comunitários, onde todos os restos mortais estavam misturados, o que causava certo entrave na ideia de que as ossadas se reergueriam no momento da ressurreição. A questão dos cemitérios virou também um alvo de críticas do clero, a partir do momento em que ele percebeu que as noções de mundo dos vivos e dos mortos estavam se entrelaçando (havia muita perambulação de pessoas entre as ossadas, reuniões eram realizadas, etc.), trazendo à tona muito das concepções rurais de existência que admitiam a circulação dos mortos no mundo dos vivos. Na tentativa de combater esse misticismo rural, a Igreja, então, passou a condenar essa realidade e a exigir que as sepulturas fossem ordenadas e individualizadas. A partir do séc. XVIII, as operações da Igreja se intensificaram no sentido de organizar as ossadas. Com o tempo, elas foram concluídas com sucesso e atingiram o objetivo da Igreja de separar o mundo dos vivos do dos mortos, colocando cada um no seu lugar: os vivos rezando pela paz dos mortos, e os mortos intercedendo junto ao Salvador pelos vivos. Importante ressaltar também que essa individualização do espaço da morte trouxe importantes modificações inclusive no aspecto da comunicação, visto que a maneira encontrada de demarcar o local de descanso de alguém era através de sentenças afixadas sobre o espaço de cada um que relatavam algo da memória individual do falecido. Conforme diz o autor, “essa mutação do espaço da morte, que corresponde a uma transformação profunda e progressiva da consciência da vida, vem acompanhada de novos costumes, em particular o da escrita” (GÉLIS, 2012, p. 91).

Ao contrário do corpo pós-morte dos fiéis, que demorou a ser valorizado, mostra Gélis (2012) que o corpo dos santos é cultuado pela Igreja desde sempre. Ela mesma autorizou a construção de santuários próximos aos túmulos: “seu corpo é o receptáculo do sagrado, um corpo relíquia, objeto de devoção e de revitalização” (GÉLIS, 2012, p. 94). Mesmo após sua

morte, sua carne irradia vida e assim é capaz de beneficiar os devotos. Ele pode até mesmo ser repartido, isso não preocupa a consciência da Igreja, visto que, se a relíquia de um santo pode beneficiar tantas pessoas, por que não reparti-lo entre os que precisam? Ter apenas a parte de uma relíquia equivale a ter um todo.

Importante notar que no decorrer dos séculos modernos, a representação do corpo sofreu diversas mutações conforme o momento corrente. A Igreja tentou e obteve sucesso significativo na luta contra o que chamou de heresia, já, contra a ciência, a luta não foi tão simples assim. Conforme aponta Gélis (2012), no campo rural, a Igreja lutou contra o que chamava de superstição e heresia. Apesar de a maioria dos camponeses estarem convertidos ao cristianismo, muito da sua antiga cultura “mágica” ainda subexistia. A esse grupo a Igreja deu o nome de supersticiosos. Eles simplesmente eram pessoas ainda ligadas à cultura de seus antepassados, conectados a uma visão original de corpo que o considerava como duplamente vivido: vivo ao seu nascimento biológico e vivo como parte de um grande corpo familiar. Eram “manifestações de um antigo fundo cultural que se mostra tanto mais difícil de erradicar justamente porque corresponde a uma maneira original de ser no mundo” (GÉLIS, 2012, p. 123). A Igreja, porém, desejava focar apenas no corpo individual, separado dos ancestrais, para que ele pudesse alcançar seus fins.

O autor aponta que por outro lado, no campo científico, a Igreja viu a concepção de vida e de corpo mudarem substancialmente com a evolução da ciência. A ampliação dos horizontes que ela trouxe suscitou interrogações nas mentes dos fiéis, desafiando as antigas concepções enraizadas. Com a evolução do conhecimento científico, nasce um novo cuidado com o corpo. Ele agora deve ser cultivado a fim de prolongar a boa vida na terra, não apenas no céu. E a essa ideia contrapõe-se a velha noção de vida que exaltava o sofrimento e o sacrifício. Não apenas com a ciência, mas também com a cultura protestante e renascentista, o corpo agora é considerado uma fonte de expansão. Desatrelado da salvação, ele pode experimentar o mundo. Na cultura protestante, ele não é desvalorizado, mas fonte de expansão da pessoa. Por isso, a saúde e o bem-estar são fundamentais nessa doutrina. Já o Renascimento, com toda a esperança e positividade que lhe é característico, exalta o presente e o indivíduo, emancipando o corpo individual, que se afirma, do corpo coletivo. Segundo o autor, essa passagem, porém, não acontece sem sofrimentos. Livre do coletivo, o ser humano se vê sozinho para enfrentar as grandes questões da existência, ele vira: “um corpo inquieto que, arrancando-se do grande corpo coletivo, paga muito caro esta sua emancipação” (GÉLIS,

2012, p. 130). O ser humano fica entregue a si mesmo, e daí é possível até mesmo pensar nas questões do mal-estar encontradas no homem contemporâneo.

Nesse sentido, o séc. XIX pode ser visto como um período em que o mundo se desencantou, aponta Corbin (2012). A religião viu seu poder entre o povo decair, apesar disso não ter ocorrido de forma totalmente linear. A participação masculina na religião católica diminuiu, enquanto a feminina responsabilizou-se por carregar o poder da instituição. Mesmo assim, deve-se continuar a considerar a influência da Igreja nas representações e uso dos corpos, sob o risco de não compreender a cultura somática desse século, visto que muitos indivíduos, ainda que distantes da mesma, mantinham suas tradições enraizadas na estrutura familiar.

Nesse século, viu-se aprofundar ainda mais o culto ao sofrimento de Cristo, ainda conforme as análises de Corbin (2012). As cenas da paixão eram exploradas com o maior realismo possível. É na metade desse século que a via-sacra se consagra como meio de reviver o sofrimento do Salvador e a medicina anatomo-clínica – nesse período em seu apogeu – ajuda a aprimorar ainda mais o realismo das obras de arte que exaltam o corpo de Cristo. Nesse momento, também, o culto ao Sagrado Coração torna-se cada vez mais importante, principalmente após a Guerra Franco Prussiana e a Comuna de Paris. Aos poucos, porém, esse efeito começa a perder força e a marifonia e o dogma da Imaculada Conceição ocupam seu espaço, de forma que as artes religiosas começam a suavizar-se e a referenciar a Virgem Maria.

Corbin (2012) aponta a importância da exaltação da Imaculada Conceição para melhor compreender os usos dos corpos e da sexualidade desse século. Para atender à santidade do Salvador, o corpo de sua progenitora deveria ser tão santo quanto aquele quem ela gerou. Foi assim que, em 1854, o Papa Pio IX reconheceu o dogma que diz respeito à preservação da virgindade de Maria. Este, assim que promulgado, foi amplamente aceito e celebrado pela comunidade religiosa. Foi nesse mesmo século, que a Virgem esteve extremamente em voga na França. Nesse período, centenas de aparições foram relatadas pelos fiéis. Apenas três, porém, foram reconhecidas pela Igreja Católica: a aparição ocorrida em La Salette, em 1846; em Lourdes, em 1858; e em Pontman, em 1871. Todas essas aparições foram testemunhadas por crianças. A própria Virgem manifesta-se como criança na mais famosa das aparições, a de Lourdes. Conforme relata Corbin (2012), baseando-se em documentos históricos, as informações da pastorinha que presenciou a aparição – uma menina de 14 anos chamada

Bernadette Soubirons – indicam que a Virgem mostrou-se na forma de uma criança de aparência delicada, menor ainda que ela, de 12 anos. A aparição de Lourdes mobilizou multidões à sua época. A Igreja, porém, viu-se em um dilema. Ela não podia manter a aparência da Virgem como a de uma menina de 12 anos nas obras que retratassem um momento tão grandioso. Por essa razão, um trabalho de adaptação da descrição da Santa foi feito, de forma que ela ficasse compatível aos ícones já existentes de Maria, especialmente à Maria da Anunciação, ou seja, uma jovem com idade entre 15 e 17 anos. Mesmo a imagem da menina Bernadette sofre alterações. Ela permanece jovem, mas perde seu caráter um pouco selvagem, como havia sido descrita por quem a conhecia na época, para transformar-se em uma menina educada e protegida pelos fiéis que a acompanhavam durante as aparições.

Ainda conforme os estudos do mesmo autor, é impossível ignorar o alcance da mariofania na França do séc. XIX nos comportamentos das pessoas. Esse cenário teve forte e clara influência no valor dado à virgindade, nas regras da Igreja imposta aos esposos, na determinação da mortificação como forma de dominar os impulsos do corpo, nos efeitos do culto no corpo físico e, finalmente, no fato de os fiéis recorrerem à intercessão da Virgem Maria quando enfermos.

A glorificação da virgindade de Maria, principalmente após os anos de 1850, teve grande influência nas formas de viver o corpo da época. O modelo virginal e seu peso recaíram sobre as jovens que viam nesse modelo uma fonte de salvação, visto que a virgindade era considerada uma forma de se aproximar de Deus. A virgem “[...] é pela virtude aquilo que o anjo é por natureza [...]” (CORBIN, 2012, p. 69). A manutenção da castidade manifesta uma abnegação do plano terreno em busca do espiritual. Não somente no imaginário religioso da mulher, mas de toda a sociedade, a virgindade exerceu um grande poder atrativo. Homens, médicos, autores de literatura erótica e teólogos se debruçavam sobre o tema. Para os homens, apesar da ambiguidade de sua moral sexual, a mulher ideal era a virgem que se guardava até a noite de núpcias; para os autores de literatura erótica, além dos mitos envolvendo a primeira relação sexual de uma virgem, o corpo da mesma era fonte de mistério, prestes a mudar a partir desse momento, firmando-se como mulher. Para os médicos, seu corpo em plena transformação era importante objeto de estudo, analisa Corbin (2012).

Os teólogos, por sua vez, preocupavam-se em desenvolver maneiras de controlar a sexualidade das jovens, analisa o autor. Alguns párocos tornavam-se até hostis com a dança e com as festividades próprias da juventude que ocorriam dentro da paróquia. Eles buscavam o

controle das mais diversas formas, chegando a tomar atitudes extremamente inquisidoras. Eles justificavam suas atitudes ao considerar que a mulher que está entre a puberdade e o casamento era um ser em constante risco de cair em tentação, de maneira que era preciso manter uma atenção especial sobre seu corpo. O discurso da Igreja casava perfeitamente com o discurso médico. Para estes, a preservação da castidade das jovens afastá-las-ia de doenças e da gravidez precoce. Se os esforços para manter a virgindade das jovens surtiram os efeitos esperados, dificilmente saberemos, já que estes variam de acordo com a condição social, a profissão, o ambiente, o *status* social, as normas da região, o fervor religioso, etc., pondera Corbin (2012). É possível, porém, falar da preocupação constante que a preservação da virgindade era para as mulheres pelo menos até a revolução sexual ocorrida no século XX. A estigmatização, o sofrimento pessoal e a desvalorização excluía e perturbavam as mulheres que iniciavam sua vida sexual antes do matrimônio. Nas palavras de Corbin (2012, p. 75), “Os dramas interiores, inclusive os remorsos, a estigmatização, a desvalorização em vista de seu futuro matrimonial, excluía aquelas que, muito cedo, tinham enveredado pelas delícias da entrega sexual, mesmo que evitassem a gravidez.”

O exemplo da Virgem Maria e sua vida casta junto a José influenciava também nas questões dos deveres conjugais, continua Corbin (2012). Para a Igreja, mesmo se tratando de casais unidos pelo sacramento do matrimônio, a relação sexual deveria se realizar apenas com o objetivo da procriação. Logo, dever-se-ia evitar qualquer tipo de método contraceptivo e variações eróticas que não possibilitassem a fecundação. É obrigação do casal “[...] evitar aqueles prazeres que poderiam fazê-los esquecer a finalidade da relação carnal” (CORBIN, 2012, p. 79). Ao mesmo tempo, a Igreja observava que nenhum dos esposos poderia se negar ao outro, sob o risco do parceiro recorrer a outros meios para satisfazer-se (adultério e estupro, por exemplo). Com o passar do tempo, porém, a Igreja começa a suavizar suas regras. A partir da metade do século, um grande número de teólogos começa a considerar não apenas a procriação como objetivo do sexo, mas também o amor.

Antes dessa suavização, no entanto, não apenas o sexo deveria ser controlado, mas toda manifestação corporal. O historiador usa o exemplo dos conventos para evidenciar tal fato. Nesse espaço, o corpo é negado através das vestes das religiosas; o silêncio é absoluto e exemplo do autodomínio, capaz de evitar conversas fúteis, mas também de preparar para as orações, aumentar a concentração do espírito, etc.; o jejum é forma de controle, mas também de preparação para a Eucaristia. A autoflagelação, muito presente no passado, ainda resiste no século XIX, porém de forma mais comedida. Nesse período avesso aos excessos, as religiosas

precisavam de autorização para tal prática e estas deveriam ser mantidas em segredo. Esse século contrário aos abusos, inclusive ao misticismo, pregava o controle de todas as ações do cotidiano. A moderação era a palavra-chave para afastar os demônios. Todos os sentidos deveriam ser controlados a fim de se afastar cada vez mais das tentações. O olhar, extremamente perigoso, devia ser altamente controlado, principalmente, o olhar impudico. Mesmo a própria nudez deveria ser evitada. As religiosas eram instruídas a esquecer de sua própria imagem.

Corbin (2012) aponta a segunda metade do século XIX como um momento significativo em que um importante modo de tratar a espiritualidade destaca-se cada vez mais: o corpo passa a ser controlado e sacrificado na lógica de uma “acumulação de capital” para chegar à salvação. Cada ato era contabilizado para esse objetivo. Nisso, a confissão, a comunhão e a penitência eram grandes aliadas. Logo, é possível observar que na intenção de ultrapassar o corpo, dava-lhe, paradoxalmente, extrema importância e atenção, através dos discursos. Conforme mais se desejava controlar o corpo, mais atenção dava-se ao mesmo. Como se verá a seguir, a confissão exerceu papel importante na questão da corporalidade e sexualidade dos séculos modernos.

1.3 Corpo e sexualidade nos séculos modernos além da religião

Ao estudar o corpo e a sexualidade europeia do Antigo Regime (séc. XV ao XVIII), a historiadora Matthews-Grieco (2012) aponta diversos fatores que atravessam a questão da corporalidade da época. Entre eles, não somente os tabus religiosos e sociais contra o homossexualismo, a masturbação, etc.; mas também as expectativas criadas pela celebração do amor romântico e o período entre a puberdade e o casamento que se prolongava cada vez mais (o que levava consequentemente a certa liberação dos atos sexuais, mas é importante frisar: exclusivamente heterossexuais).

O período, porém, não é de todo homogêneo, esclarece a autora. Não apenas em virtude das diferenças entre as diversas comunidades europeias que julgavam o comportamento sexual entre lícito e ilícito de acordo com a idade, o gênero, a classe social da pessoa em questão, mas também é heterogêneo de acordo com o século do qual se fala. Como exemplo, Matthews-Grieco (2012) cita o fato de que no começo do séc. XV a preocupação demográfica, corrente desde meados do século XIV, junto a uma atenção radicalmente nova que o corpo e a sexualidade recebiam, fizeram com que essas questões fossem tratadas de

forma compatível ao crescimento demográfico e às normas religiosas e morais. No fim do século XVII, porém, o cenário começa a se alterar. A importância do amor e do prazer físico (este, legitimado pelos médicos) entre os cônjuges começa a crescer e facilita, então, a expressão de uma sexualidade alternativa. Já no final do séc. XVIII, com o fim das preocupações com o crescimento da população, o casamento, na grande maioria dos casos, é predominantemente baseado no amor, não mais na conveniência. Mesmo assim, o corpo é apropriado pelo pudor de uma sociedade cada vez mais burguesa, que insiste em pregar a distinção entre um ser moral e outro físico. Sobre pudor e repressão, as ideias de Foucault apontam caminhos interessantes a serem percorridos e serão discutidos à frente.

Durante todo o período do Antigo Regime, diversas instituições brigavam pela autoridade sobre o corpo do indivíduo, argumenta Matthews-Grieco (2012). Queriam falar e se apoderar dele não só o discurso religioso, mas também o médico, assim como a vizinhança, a família, o magistrado, etc. As ações individuais normalmente eram avaliadas por toda a sociedade que aprovava, reprovava, punia (com certa flexibilidade) os transgressores das regras e tentava reabilitá-lo de volta à norma social.

Segundo estudos da autora, durante o conturbado período da adolescência, que deveria ser de abstinência sexual, visto que o casamento ainda não estava consumado, algumas práticas eram toleradas de acordo com o adolescente envolvido, sua classe social, idade e região que habitava. Antes da legitimação do ato sexual dada pelo casamento, era permitida aos jovens a prática de visitação ao cônjuge prometido sob o consentimento parental.

Um modo encontrado pela sociedade para tentar controlar os jovens celibatários, cuja transgressão sexual era vista como derivada da indisciplina de seus impulsos sexuais e de certa revolta contra formas de autoridade, foi a criação de grupos de associação e fraternidade para socializar os jovens de maneira controlada fora do ambiente familiar, exemplifica Matthews-Grieco (2012). Dentro desses grupos, buscava-se inculcar os valores familiares nos jovens, de maneira que seu caráter e sua identidade fossem construídos de forma satisfatória em relação às normas morais da época. Esses grupos objetivavam também canalizar a energia dos seus membros em outras atividades, visando afastá-los de atividades indesejadas, garantindo, além da retidão sexual e moral dos mesmos, também a manutenção da ordem pública.

Como já explicitado anteriormente, apesar da tentativa de controle dos jovens, o maior peso recaía sobre as mulheres. Da jovem mulher exigia-se a virgindade até a noite de núpcias,

enquanto o homem estava mais livre para as experiências sexuais antes do casório. Importante lembrar que mesmo após o casamento, a sexualidade dos casais não era de todo liberal. O controle dela era exercido pela religião e pela ciência. Era disputado, ao mesmo tempo, pelos valores morais ditados pela Igreja e pelas preocupações demográficas do Estado. A autora ainda dá atenção especial à forma com que a violência sexual sofrida pelas mulheres era tratada na época.

Conforme argumenta Matthews-Grieco (2012), o modo de lidar com o estupro é um importante marcador do lugar reservado à mulher na sociedade da época. Ao estudar as leis da França a respeito desse delito, a autora mostra que ele era judicialmente considerado um crime contra a propriedade, no período que vai do fim da Idade Média até o fim do século XVIII. Dependendo da situação conjugal da mulher assediada, o crime tinha uma vítima diferente, nunca ela mesma. Ele era um crime contra a propriedade do pai, caso fosse solteira; contra a propriedade do marido, caso fosse casada e contra a propriedade de Jesus Cristo, caso fosse uma religiosa. A punição para tal ato variava de acordo com a idade e a condição social da mulher. Na maioria dos casos, porém, a justiça buscava trabalhar com a família formas de recuperar a sua reputação perdida, o que muitas vezes significava a conciliação e a união em matrimônio da mulher com o seu agressor. A impunidade e os modos de lidar com a violência sexual mostram como as mulheres e seus corpos eram tratados na época: sua vida era vinculada e dependente da dos homens, seu corpo deveria estar à disposição dos mesmos, já que se considerava que sua presença no mundo tinha como objetivo satisfazer aos homens, ainda mais quando se tratava de mulheres de situação social modesta. Nas palavras de Matthews-Grieco (2012, p. 258):

O estupro era o produto de uma cultura na qual as mulheres eram consideradas não apenas inferiores aos homens, mas também, simplesmente, como seres que estão neste mundo só para satisfazer as necessidades do sexo forte, sobretudo se elas são de uma situação social modesta.

O estatuto do estupro como crime contra a propriedade permaneceu por todo o Antigo Regime na França, observa a autora. Apenas com o Código Penal de 1791, baseado nos princípios da igualdade impulsionados pela Revolução Francesa, é que o estupro passou a ser considerado um crime contra a pessoa. Um importante passo na busca das mulheres pela liberdade do seu corpo e pela igualdade, apesar do fato de ela ter que passar por cima de toda a dúvida que recaía sobre ela (como ainda hoje é visto).

Matthews-Grieco (2012) analisa também a situação da prostituição na época. A atividade chegou a ser vista como uma forma de estímulo à heterossexualidade e como maneira de prevenir desordens mais graves que poderiam atrair a cólera divina, como a sodomia. A prostituição foi regularizada na França e na Itália, entre os séculos XIV e XVI, onde os bordéis eram legalizados e protegidos sob algumas condições. Eles deveriam estar afastados do centro, em locais de fácil controle e bem delimitados, para que não influenciassem na vida da cidade do bem, e ter as mulheres que lá trabalhassem devidamente registradas. Elas deveriam receber moradia e também um quarto onde poderiam oferecer seus serviços e assim ajudar no controle da moral do povo. Como diz Matthews-Grieco (2012, p. 65), “a institucionalização da prostituição transformou o estatuto da meretriz: de trabalhadora ocasional especializada em prestações sexuais, ela se tornou uma profissional encarregada da salvaguarda da moralidade pública.”

No século XVI, porém, as Reformas religiosas motivaram o fechamento dos bordéis municipais, obrigando as prostitutas a encontrarem outras maneiras de continuar suas atividades, observa a autora. A proibição dos bordéis não acabou com a prostituição, já que a desigualdade entre os gêneros continuava a impulsionar as mulheres ao mercado do sexo, pois elas, em sua maioria, recebiam uma educação profissional muito defasada (quando recebiam) em comparação aos homens e salários muito inferiores, de forma que a prostituição era uma alternativa para a sobrevivência daquelas menos favorecidas.

Em geral, o período que abrange a Idade Moderna caracterizou-se por certa percepção moral do corpo humano em que se misturavam convicções religiosas, sociais, morais e médicas, conforme analisa Matthews-Grieco (2012). A sexualidade podia até ser variável, mesmo plural: de acordo com a idade, certas práticas eram permitidas. O que era exigido era certa discrição e que a pessoa rumasse exclusivamente para a heterossexualidade quando da idade adulta.

A autora afirma que, ao final do século XVIII, porém, esse cenário se altera para um mais rígido em que a sexualidade deveria ser casta, liberada para a prostituição e a depravação, mas não para os moralmente corretos. A sexualidade perde a leveza que dispunha doravante, impondo durante todo o século XIX, a “inimizade” entre os prazeres do corpo físico e o moralmente aceitável.

1.4 Repressão sexual?

A teoria de uma repressão burguesa nos séculos modernos, que só se encerraria em meados do século XX, não descreve com exatidão a realidade da época, conforme os estudos de Foucault (1999). Diferente de um período repressivo, segundo o autor, o que se viu, de fato, foi um aumento na produção dos discursos do sexo. Em suas palavras, uma “[...] multiplicidade de discursos, produzidos por toda uma série de mecanismos que funcionam em diferentes instituições.” (FOUCAULT, 1999, p. 35).

Incitada pelos mais diversos lados, a produção do discurso sobre o sexo tornou-se cada vez mais significativa a partir do estabelecimento da confissão como obrigação de um bom fiel da Igreja Católica. A confissão esmiuçava o sexo em todos os seus detalhes, não apenas do ato em si, mas também dizia respeito ao desejo (mesmo sem ser consumado), ao pensamento, etc. Tudo que pudesse ser pecaminoso deveria ser expresso para poder ser perdoado. Pensando em controlar os corpos dos fiéis, a Igreja acabou, por outro lado, estimulando o crescimento do discurso do sexo.

Desenvolvida na religião, a lógica da confissão difundiu-se por muitas outras áreas e disseminou uma espécie de “ciência-confissão” (FOUCAULT, 1999, p. 63), termo empregado pelo autor. Não apenas no campo religioso, mas também no campo médico, jurídico, econômico e político, a confissão vira peça fundamental na relação médico-paciente, juiz-réu, etc. O sexo, por sua vez, é cada vez mais exposto, discutido e regularizado. Na medicina, os avanços dos conhecimentos científicos – entre eles também os da psiquiatria – encarregam-se do sexo, ao mesmo tempo que definem o patológico, o anormal, o fora dos padrões dentro do campo da perversão. No campo jurídico, as leis discutem, punem e definem a legalidade do mesmo. Já na economia e na política, o sexo, mais do que do controle demográfico da população, fala da vida cotidiana da mesma. Ele pode e deve ser enunciado, porém, sinaliza o autor, dentro das regras de cada área, respeitando certos limites. Não se deve falar com todos, nem de qualquer maneira. A linguagem deve ser discreta e moralmente aceitável. Foucault (1999, p. 36, grifo do autor) diz que “o que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo.”

O autor ainda discute a disseminação dos discursos do sexo em relação a uma mudança no caráter do poder. O poder, em suas palavras, deve ser compreendido

[...] primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem constitutivas de sua organização; o jogo que através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, investe; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (FOUCAULT, 1999, p. 89).

O autor analisa a passagem de um poder soberano, baseado no direito, no jurídico, na interdição, para um bio-poder, baseado na técnica, na norma, na regulação da vida. Com o bio-poder não se trata mais de caracterizar algo como moralmente condenável, mas de regular para não ter a necessidade de condenar. Ao articular as mais variadas tecnologias, é possível regular de forma satisfatória uma população. O bio-poder não é soberano, ele está em todos os cantos, dentre a população. Não é algo que vem de cima para baixo em uma imposição que separa o lícito do ilícito, mas que permeia por todos os lados, exercendo seu poder. Trata-se de normatizar a vida, a sexualidade, mais do que de condenar. Não que isso represente uma liberdade absoluta. Muito pelo contrário. Essas tecnologias do poder regulam sem que sejam percebidas, já que se exprimem de maneira discreta e não absoluta. Nem por isso deixam de exercer seu poder. Elas se embaraçam na vida, regulando-a. Nas palavras de Foucault (1999, p. 41),

Em termos de repressão as coisas são ambíguas: teremos indulgência, se pensarmos que a severidade dos códigos se atenuou consideravelmente, no século XIX [...]; mas teremos um ardil suplementar de severidade, se pensarmos em todas as instâncias de controle e em todos os mecanismos de vigilância instalados pela pedagogia e pela terapêutica.

O autor fala ainda do surgimento de um dispositivo de sexualidade que vai fazer sombra ao antigo dispositivo de aliança. Este se baseava em alianças, como o matrimônio, na herança de nomes e bens, no lícito/ilícito, na reprodução e manutenção da ordem, enquanto aquele se baseava na sexualidade, nos prazeres, na flutuação, inovação. O dispositivo de sexualidade foi capaz de ganhar importância, diz Foucault (1999), de acordo com o momento econômico e político que, a partir do século XVIII, não combinava mais com o de aliança para se desenvolver da melhor maneira. Era preciso adotar uma nova postura que valorizasse os corpos como objeto de saber e privilegiasse o controle dos mesmos, mas de uma forma mais adequada ao momento. Esse dispositivo não mais reprime a sexualidade, mas transforma-a em objeto de saber e executa sua gerência.

Ainda conforme Foucault (1999), no século XVIII todos são convidados à vigilância de seus corpos. Diferentemente das preocupações de vigilância do passado, relacionadas a

questões religiosas, agora “A tecnologia do sexo, basicamente, vai-se ordenar a partir desse momento, em torno da instituição médica, da exigência de normalidade e, ao invés da questão da morte e do castigo eterno, do problema da vida e da doença.” (FOUCAULT, 1999, p. 111).

A classe burguesa foi a primeira a se adequar a esse novo dispositivo. Economicamente privilegiada, entrou em contato com as novas tecnologias mais rapidamente. Transformou seu corpo e seu sexo em algo a ser valorizado, diferente dos demais, e que deveria ser gerido adequadamente. Ele era uma maneira de ela se afirmar. Quanto ao proletariado, o autor lembra as condições de trabalho às quais eram submetidos, no século XVIII e na primeira metade do século XIX, para exemplificar como o corpo do povo não entrava nas preocupações de administração. Para estes, o dispositivo de aliança manteve sua importância por mais tempo, o que mostra que não houve uma política de corpo única, mas variável.

No século XIX, o dispositivo da sexualidade já era hegemônico. No fim do século, porém, a burguesia novamente vai buscar um modo de diferenciar sua sexualidade. Agora, ao analisar sua própria sexualidade, ela chegará à conclusão de que todo o tempo foi reprimida e buscará lidar com isso com a ajuda da psicanálise (na época disponível a poucos privilegiados). O questionamento da repressão torna-se, então, lugar comum e acontece por causa de um deslocamento que ocorre dentro do próprio dispositivo da sexualidade. Não se trata de alternar o dispositivo, mas acontece dentro do mesmo. É dessa forma que Foucault (1999) justifica o nascimento de uma noção predominante de que os séculos modernos foram de repressão sexual. Para ele, portanto, essa ideia deve ser vista com ressalvas, levando em consideração não apenas a questão da ampliação do discurso sobre o sexo, mas também o dispositivo e o poder necessário para que tudo isso fosse possível.

Capítulo 2

Século XX em diante: tecnologia, beleza e liberação?

O século XX inaugura importantes alterações na corporalidade das sociedades ocidentais. Um dos aspectos que contribuem para tanto, conforme os argumentos do historiador Ory (2011), é a ampliação do modo de vida urbano para as diversas classes sociais, em razão do crescente processo de êxodo rural e urbanização característico da época. Esse processo deve ser considerado não apenas em termos demográficos, mas também em termos econômicos, políticos e culturais, já que a saída do campo para a cidade implica diferentes modos de ver/tratar o corpo.

A esse processo o autor soma o papel exercido pela difusão e vulgarização de representações e de valores realizadas pela mídia em geral. O século XX viu crescer exponencialmente a influência das revistas de moda, femininas, masculinas, específicas sobre beleza, saúde, etc., assim como da publicidade, dos filmes e das rádios. Toda essa mudança deve ser valorizada, visto que sua importância na disseminação de certos discursos pode ser considerada muitas vezes até maior que da literatura científica e da escola. Através desses meios de comunicação acessíveis à maior parte da população, toda uma gama de discursos científicos passou a ser abordada e ganhou espaço, abrangendo temas, por exemplo, fisiológicos (ao falar sobre determinada prática dietética), psicológicos (ajudando nos problemas dos leitores) e, no extremo, impulsionou a mudança e o surgimento de novas formas de pensar a vida. Ory (2011, p. 158) fala de “[...] novas concepções do universo, que os historiadores reuniram, em um primeiro momento, sob o termo um tanto indefinido ou preguiçoso, de ‘mudança das mentalidades’.”

Ainda conforme Ory (2011), no século XX, o corpo está cada vez mais submetido às influências dos regimes cosmético, dietético e plástico, principalmente quando se fala do corpo da mulher. A respeito da cosmética, deve-se dizer sobre uma modernização e renovação da mesma, a qual já antes do século XX se desenvolvia. Os avanços dos conhecimentos científicos do corpo humano contribuíram para o crescimento cada vez mais expressivo da indústria em questão. Quanto à dietética, esta tão antiga quanto a medicina, já que a

alimentação e um estilo de vida saudável sempre foram usados com vistas a um aprimoramento da saúde dos indivíduos, ela viu seu papel decair com a contínua evolução da medicina no sentido dos componentes físicos e químicos do organismo, mas viu sua importância aumentar a partir da segunda metade do século XX, quando houve o surgimento de um discurso dietético independente da medicina. Os avanços dos conhecimentos biológicos convergem com a atenção cada vez maior dada às questões dietéticas. Ao mesmo tempo, o aumento da obesidade e com ela a difusão de representações negativas do sobrepeso faz que cada vez mais o perfil esguio das elites seja o ideal de diferenciação buscado. À medida que a miséria e a penúria diminuem e o trabalho passa a ser cada vez mais sedentário, o sobrepeso torna-se mais comum que o corpo magro, de forma que a elite e a classe média passam então a se identificar com o perfil esguio. A década de 1960 pode ser considerada um grande marco nessa questão. O surgimento e o sucesso da modelo Twiggy, assim como da boneca Barbie, disseminam um padrão corporal magro, apoiado ainda pelo discurso médico que associa o sobrepeso à doença e é popularizado pelos mais diversos meios, entre eles as revistas femininas. Esse mesmo padrão estético vai influenciar não somente na adoção de determinados hábitos de vida, mas também na busca cada vez maior dos procedimentos de cirurgia plástica. Sobre estas questões em que o conceito de beleza é um importante fator, falar-se-á mais adiante.

Ory (2011) observa que a representação de si e dos outros se altera, na medida em que tecnologias cada vez mais avançadas, como a foto e o filme e a disseminação de espelhos, autorizam o olhar e a apreciação de si mesmo. Ao mesmo tempo, os antigos valores puritanos que prezavam pela contenção do corpo, pela distância dos outros, pela postura rígida, pelo olhar baixo e o caminhar lento perdem seu lugar de destaque para dar espaço a um corpo mais flexível em todos os sentidos, da postura à tolerância intelectual e à flexibilidade econômica. Essa flexibilização deve ser atribuída não apenas a um relaxamento dos valores tradicionais, mas também a uma democratização dos costumes, que reflete a diminuição de uma vida baseada em uma extrema hierarquização (homem/mulher, pais/filhos, etc.) e que exigia um comportamento ostentatório para chegar a uma sociedade com tendência à indiferenciação das identidades e à igualdade, logo, à decadência das posturas rígidas e conservadoras.

Esse processo de indiferenciação e de igualdade citado pelo autor, mostra-se bem claro quando se analisa o modo cada vez mais higienista pelo qual o corpo é tratado. A higiene avança sobre a postura rígida de outrora e, como exemplo, é possível citar o caso da barba. Esta, antes sinal de respeito, é exterminada por causa da higiene. Seu uso diminui e é

relacionada cada vez mais com posições ideológicas e com o desejo de transgredir as regras do que como forma de demonstrar posição social. O corpo passa cada vez mais a ser campo da higiene. A desodorização total do corpo e a revolução significada pelo surgimento do bronzamento (não só como ato, mas também como palavra) e o estilo de vida do qual este faz parte mostram como o modo higienista se ocupou do corpo da época.

A importância dada ao bronzamento nos leva a perceber que o corpo do século está mudando e de forma cada vez mais intensa. O corpo da moda, por exemplo, é responsabilidade de uma pequena parcela dominante da população, a qual, através de inúmeros meios influencia grande parte da sociedade, impondo seu padrão, diz Ory (2011). Os adereços da moda estão presentes das mais diversas formas, sempre exaltando e erotizando o corpo. Claro que todas essas mudanças não ocorrem uniformemente e de maneira linear. Ela flutua de acordo com a sociedade e do momento do qual se fala.

Ory (2011) observa também que o aumento da visibilidade do corpo obviamente contribui para a criação de uma prática corporal com vistas a uma “despesa”. Esta, objetivando manter o corpo dentro do que era considerado saudável e dentro dos padrões de beleza da época tem grande expressão no sucesso do culturismo (ou *bodybuilding*). A exibição dos músculos recebe muita atenção após a Segunda Guerra Mundial, quando o cinema mostra seus heróis aventureiros de músculos avantajados e definidos. De maneira mais geral, uma grande parte da população, especialmente a feminina, é atingida por um movimento por atividades físicas que prezam por exercícios mais gerais, como as caminhadas, a aeróbica, etc.

O autor conclui que o século XX foi responsável por uma importantíssima revolução corporal. Em um curto período de tempo o corpo se livrou das amarras puritanas da religião e se entregou aos encantos do narcisismo e hedonismo, ao mesmo tempo que viu um avanço do higienismo como forma de vida.

2.1 A beleza no Brasil do século XX

A historiadora Sant’Anna (2014), ao debruçar-se sobre o tema da beleza no Brasil, aponta as grandes variações que a mesma sofreu durante a história. Saindo de uma beleza, até o século XIX, baseada na postura, nos adereços (vestimentas inspiradas na moda europeia, muitas vezes incompatíveis com a realidade brasileira) e na condenação da maquiagem,

encontra-se no século XX uma noção de beleza que aos poucos se liberta da rigidez e da noção de pecado e libera o corpo cada vez mais para que este seja manipulado das mais variadas formas.

Não que as mudanças sejam lineares ou iguais para todos, nem que tenham acontecido bruscamente. Muito tempo levou para que o corpo fosse completamente disponibilizado para o embelezamento sem que fosse reprimido pelos antigos pudores. Nas palavras de Sant'Anna (2014, p. 58), “Até meados do século XX, para ambos os sexos, ter direitos sobre o próprio corpo tendia a ser uma excentricidade típica de pessoas da elite mundana ou um capricho afeito aos malandros, libertinos, homossexuais e prostitutas.”

A associação entre o feminino e a beleza, porém vem de longa data. Ao estudar a questão da beleza e da feiura, Novaes (2011, p. 477) argumenta que “mulher e beleza são historicamente associadas [...], e a feiura, hoje intimamente ligada à gordura e ao envelhecimento, é a maior forma de exclusão socialmente validada.”

Para entender a evolução do conceito de beleza no Brasil do século XX, vale acompanhar uma breve caminhada entre as décadas.

A década de 1920, conforme as análises de Sant'Anna (2014), é marcada pela autora por mudanças ocorridas em razão da crescente industrialização e busca por fluidez e eficácia, influenciadas por uma noção de corpo ligada à termodinâmica, que preza pela produção de energia. A vestimenta, antes pesada e robusta, é trocada por roupas leves e flexíveis que permitiam uma movimentação mais livre, eliminando todo peso inútil que atrapalhasse sua produção. Ao mesmo tempo, a noção do corpo ligada a de uma máquina coincide com a inserção do culto ao emagrecimento nas propagandas (obviamente com características diferentes das amplamente difundidas hoje), já que o sobrepeso não seria o ideal para o bom funcionamento da máquina. É no sentido de aprimorar o corpo para a produção que a saúde fica cada vez mais em voga.

Até meados da década de 1930, não se falava em cosméticos, mas sim em remédios, sinaliza a autora. A beleza era assunto da medicina, sendo os cuidados com o corpo diretamente relacionados à boa saúde. Os remédios, responsáveis por curar os mais diversos males, eram polivalentes, podendo ao mesmo tempo tratar desde constipações até queda de cabelo. A publicidade da época se encarregava de sugerir o uso desses produtos e, para tanto,

usava imagens de pessoas atormentadas, assim como listava todos os sintomas que seriam combatidos (SANT'ANNA, 2005, 2014).

Por outro lado, a mesma historiadora referencia o discurso da beleza da época atrelado não apenas à medicina, mas também à moral católica: “[...] o embelezamento corre o risco de denotar uma moral duvidosa. [...] prevalece a convicção de que a verdadeira beleza é provida por Deus. Ou seja, a beleza é considerada um dom, muito mais do que uma conquista individual.” (SANT'ANNA, 2005, p. 125).

De forma que a grande maioria dos conselhos de beleza eram dados por médicos e escritores moralistas, sobretudo do sexo masculino, sinaliza a autora. Fugia à mulher o direito de decidir quando e como se embelezar. Às mulheres reservava-se o direito de compartilhar secretamente truques de beleza apenas entre amigas. Era preciso cuidar da moral, muito mais do que da beleza.

Já na década de 1930/1940, a indústria cosmética e a publicidade desenvolvem-se cada vez mais, uma alimentando a outra. Os cosméticos passam a ser vistos de forma completamente diferente de um passado em que eram considerados artefatos para pessoas falsas buscando esconder traços de seu caráter e mulheres promíscuas. Nas palavras de Sant'Anna (2014, p. 89), mesmo “[...] as cores fortes e vibrantes, passaram a ser incluídas com maior naturalidade no guarda-roupa das mulheres consideradas de boa família. [...] Batons de cores fortes ganharam maior publicidade e incorporaram uma aura de decência outrora incomum.”

No que se refere à maquiagem facial, apesar do aumento de sua aceitação, o conselho geral para as mulheres ainda era manter a naturalidade da aparência, por mais que ela não fosse nada natural e construída pelos mais diversos artifícios.

Os artifícios da maquiagem transformam o rosto da mulher em espaço de metamorfose e de decoração, conforme reflete Malysse (2011). O autor reflete que as possibilidades de embelezamento fazem do corpo um produto que pode ser transformado à vontade, de forma que a aparência sirva como um estatuto que evidencia a beleza, a carga erótica e o prestígio social, numa sociedade em que a mulher é avaliada cotidianamente pelos critérios estéticos.

A indústria cosmética em ascensão assinala a preocupação crescente das mulheres com o embelezamento, na medida em que cada vez mais diferentes produtos começam a ser

disponibilizados. Da mesma forma que eles surgem para responder a uma demanda, são capazes de criar uma demanda.

Na década de 1950, o consumo de cosméticos já estava altamente disseminado, assim como o combate aos sinais de velhice. Sant’Anna (2014) sinaliza a época como um marco no imperativo da busca pela juventude, inspirado pelo estilo de vida hollywoodiano disseminado pelos meios de comunicação, mas também, nacionalmente, inspirado pela ideia de desenvolvimento rápido e jovem pregado pelo governo de Juscelino Kubitschek. A vez era agora dos jovens, inspirados num estilo americano de viver, com olhos em astros como James Dean, que pregavam a liberdade de uma vida cheia de aventuras e um pouco de transgressão. Toda a artificialidade de cabelo, postura e *glamour*, ou seja, a ideia da elegância antiga é revirada pela valorização de uma vida mais liberta, aberta aos prazeres e sexy. O ideal de beleza da década passa a ser alimentado por uma ampla indústria cosmética, a qual, apesar de não acessível para todos, disseminou uma ideia de que ser belo era uma conquista pessoal. Em outra obra, a mesma autora retorna ao tema: “[...] os segredos de beleza não existem mais, tudo depende do aprendizado de algumas técnicas [...] acessíveis a todas as mulheres” (SANT’ANNA, 2005, p. 129). Todas podiam ser belas, bastava que se cuidassem com a ampla gama de produtos disponíveis.

A análise da psicanalista Novaes (2011) relata esse cenário com ares críticos. Ela relaciona o papel da indústria da beleza junto ao discurso higienista como responsável por transformar o embelezamento de um dever social (que era desejável, se fosse possível alcançá-lo) em uma obrigação moral (alcançável para qualquer uma que desejá-lo e que se esforce para tanto). Ser bela transforma-se em uma questão de força de vontade, já que todos os produtos estão disponíveis no mercado. Dessa forma, aquela que fracassar na empreitada, certamente uma incapacitada individual, não tem a disciplina necessária para tanto e é vista como: “Sem caráter, sem força de vontade e [...] desleixadas, a anatomia feminina deixou de ser um destino para ser uma questão de disciplina: se não conseguimos agenciar nossos corpos, como seremos capazes de fazê-lo com nossas vidas ou nossos empregos?” (NOVAES, 2011, p. 492).

Sem dúvida, tal maneira de pensar a beleza vem acompanhada de um estímulo cada vez maior ao consumo e de uma insatisfação crescente com o corpo e com seu próprio ser, visto que os padrões de beleza idealizados e divulgados como desejáveis são, para esmagadora maioria da população, inatingíveis. Não por faltarem artifícios, mas em virtude

das particularidades somáticas dos sujeitos. Importante lembrar aqui a reflexão de Katz (2012, p. 26) de que “A fabricação do modelo de corpo que sustenta essa operação tem uma grande aliada na eficiência com que a moda torna público o corpo a ser desejado. No capitalismo, o desejo não pode ser saciado, sob o risco de dismantelar a sociedade do consumo.”

Baudrillard (1970 apud NOVAES, 2011, p. 493) fala sobre a sociedade de consumo tendo parcela de culpa significativa na transformação do corpo em um inimigo que deve ser domado, já que a mesma leva a boa forma física a ser associada apenas à força de vontade e como se fosse uma escolha pessoal.

Para Novaes (2011), o cenário é complicado. Nas palavras da autora, “Uma intensificação do dispositivo repressivo, do qual as mulheres, por meio de seus corpos, são objeto, gera um mal-estar constante. O modelo de beleza proposto e a consciência corporal [...] que elas têm de si justificam sua crescente insatisfação com seus corpos.” (NOVAES, 2011, p. 492).

A autora defende a tese de que a ditadura do embelezamento, impulsionada pela indústria cosmética, é uma forma de repressão das mulheres tão grave quanto aquelas contra as quais o feminismo lutou num passado não muito distante. Em suas palavras: “trata-se, na verdade, de colocar a mulher aprisionada e sempre a serviço de seu próprio corpo, seja para aperfeiçoá-lo, ultrapassá-lo, modificá-lo e, muitas vezes, mutilá-lo, pois não importa o preço a pagar.” (NOVAES, 2011, p. 493). Tal crítica, com certeza, pode ser transportada até a contemporaneidade.

Nas décadas de 1960/1970, conforme Sant’Anna (2014), vê-se o privilégio do corpo magro crescer cada vez mais. Influenciado pelo estilo de vida americano que valorizava o bronzamento, a moda que valorizava as modelos mais magras e as roupas que marcavam a cintura, cada vez mais o corpo magro e alongado é valorizado como o mais belo. No Brasil ditatorial da década de 1970, ao mesmo tempo que o regime político se endurecia contra a juventude (especialmente a estudantil e rebelde), ela via um cenário de contracultura internacional que valorizava a liberação do corpo, a união livre, a liberdade sexual, etc. A liberação do corpo combina com o cuidado do mesmo, que deveria ser prazeroso e uma fonte de conhecimento de si. “O que várias reportagens sobre moda e comportamento revelaram naqueles anos é que, finalmente, um pouco de narcisismo já não fazia mal a ninguém, nem às mulheres” (SANT’ANNA, 2014, p. 134).

Nessa época, os conselhos para ser bela saem do domínio exclusivo da medicina para disseminar-se entre os mais variados profissionais, ao mesmo tempo que a publicidade valoriza, além da acessibilidade da beleza, o prazer de cuidar de si. Os cuidados de beleza entrelaçam-se cada vez mais às condutas de higiene, favorecendo verdadeiros rituais de embelezamento que envolvem as ideias de amar e cuidar do próprio corpo: “De agora em diante, embelezar-se implica em afinar a escuta em relação ao próprio corpo. [...] O objetivo principal não é outro que o de ‘descobrir’ a ‘verdadeira’ natureza, supostamente oculta, de cada mulher.” (SANT’ANNA, 2005, p. 136). O imperativo agora é conhecer seu verdadeiro eu, cuidar do corpo nos mais profundos âmbitos, embelezando-o, mas sem deixar de lado o prazer e o amor próprio. A busca é por uma beleza natural e desperta, como frisa a autora, não deve nos impedir de perceber que esse cenário pedia o consumo de diversos produtos novos.

A beleza feminina assim tratada investe nos cosméticos a promessa de conhecer-se e a negação do consumo pode ser sentida como uma experiência insuportável de abdicar de incríveis possibilidades. Em outra obra, a autora analisa que, cada vez mais, cabe ao indivíduo se utilizar dos meios que são disponíveis para se sentir completo. A autora explica tal cenário:

[...] foi necessário, primeiro, patologizar boa parte de seu cotidiano e de sua intimidade – sexualidade, saúde, alimentação, beleza. Essa patologização foi, a seguir, acompanhada de uma intensa medicalização e, por conseguinte, de uma substituição da medicina por uma antropotecnica generalizada, na qual o fundamental não é tratar de pessoas doentes, mas fornecer um superávit de saúde, felicidade e beleza para toda a população. (SANT’ANNA, 2011, p. 64).

Passou-se do ponto em que se deveria tratar os defeitos. É preciso aprimorar todo o corpo, buscar o máximo que for possível dele.

A segunda metade do século XX vê florescer também as discussões referentes à terceira idade. É nessa época, em especial, depois de 1960, que a expansão da população idosa e o aumento da expectativa de vida coincidem com uma visão da velhice que, ao mesmo tempo, abrangia a aposentadoria e o retraimento do sujeito e também uma visão de terceira idade que se associava ao hedonismo, à liberdade e ao prazer, reflete a antropóloga Moraes (2011). O aumento da atenção e dos estudos na área da gerontologia leva a terceira idade a começar a ser vista de maneira diferenciada. Ela perde o caráter de definhamento da vida, para ganhar visibilidade como um momento que deve ser vivido e aproveitado. Os conhecimentos sobre como viver mais e melhor são cada vez mais disseminados também para essa faixa etária, transformando o envelhecimento, nas palavras de Moraes (2011, p. 433), em

“[...] um processo manipulado pelo sujeito, gerando discursos que valorizam o autocontrole individual sobre o corpo.”

Certamente, tal mudança na concepção de velhice trará importantes considerações a respeito do modo de tratar e viver o corpo. Privilegia-se uma velhice ativa, com aparência jovem e disposta, correspondente ao corpo da nova terceira idade.

Sant’Anna (2014) fala da década de 1980/1990 como a época em que o estilo esportivo e a disseminação de um estilo de vida baseado no esporte e na saúde contribuem para um aumento cada vez maior na noção de manipulação do corpo, liberto das antigas repressões e, agora, cultuado. Nas palavras da autora, “a voga da ‘malhação’ [...] tinha raízes em terrenos diversos, inclusive na crescente importância atribuída à autonomia individual e à transformação do corpo pessoal em algo tão ou mais importante do que outrora fora a alma.” (SANT’ANNA, 2014, p. 158).

Outro fenômeno iniciado na época, a cirurgia estética chega para responder aos clamores de transformação corporal, incentivados pela publicidade e pela globalização de um padrão de beleza específico. A historiadora analisa fatores especificamente brasileiros na busca pela cirurgia plástica. Primeiramente, o fato mais óbvio: o clima e a moda tropical propiciam o culto ao corpo ideal, já que este está muito à mostra se comparado aos países frios. A autora, porém, não para por aí. Ela sinaliza fatores menos óbvios que esse, como: a predominância da juventude da população brasileira que leva a concorrência por um companheiro e um emprego a ser mais acirrada e solicitar atenção aos detalhes; a cirurgia vista como um presente, algo que vale mais que os cuidados diários, pois é fruto da ciência e da tecnologia avançada; há também quem a veja como um modo de apropriar-se de um corpo que antes não era sentido como próprio.

O corpo do brasileiro, segundo a autora, teria ainda outra grande particularidade. Vivendo num país famoso por sua grandiosidade natural e tropical, extremamente explorado pela publicidade do mercado turístico, espera-se que seu corpo faça jus ao mesmo.

[...] a cirurgia plástica bem-sucedida conseguiria naturalizar o corpo desprovido das forças que lhes deveriam ser naturais. Ela operaria uma *conversão*, tornando o corpo mais próximo de uma imagem de potência e resistência, as quais, por direito natural, são entendidas como a essência da vida física, principalmente quando se é brasileiro. (SANT’ANNA, 2014, p. 173, grifo do autor).

Chega-se, então, ao final do século em um cenário em que o corpo, como antes fora a alma, assume um papel fundamental na subjetividade, reflete a autora. Liberado dos antigos

pudores, entregue à manipulação, ao narcisismo e à individualidade, a aparência do corpo ganha espaço na construção do ser. Transforma-se ao mesmo tempo em salvação e angústia, visto que a vontade de controlá-lo, em razão da sua efemeridade e imortalidade, nem sempre pode ser bem sucedida.

2.2 Sexualidade no século XX

É no século XX que o corpo sexuado se torna central, ganhando uma atenção cada vez maior na ciência e nas mídias, conforme estudos de Sohn (2011). Principalmente a partir da década de 1960, o corpo tem seu desejo liberto do privado e pode, então, ser discutido pública e politicamente, assim como a sexualidade.

Essa situação, porém, só pode ocorrer com o recuo do pudor corporal predominante no passado, justificado, entre outras coisas, pelo fim do casamento arranjado, analisa a autora. Vendo-se sozinhos nas buscas por um parceiro, homens e mulheres começam a usar diferentes estratégias de sedução, entre elas, obviamente as características físicas. Outro fator importante no recuo do pudor encontra-se no aumento do turismo balneário e na moda. A evolução das roupas de banho, ao mesmo tempo que influencia o desnudamento cada vez maior, é reflexo das mudanças que ocorriam pouco a pouco (encurtamento dos vestidos, troca do espartilho pelo sutiã, etc.). Não sem encontrar alguma resistência, mesmo entre as próprias mulheres, o corpo começa a se mostrar de forma cada vez mais contundente e vivo em sua forma sexuada. O desnudamento do corpo é acompanhado de impactos inevitáveis na vida privada, já que a nudez durante as relações sexuais passa a ser predominante, diferentemente do passado. É dessa forma, argumenta Sohn (2011), que cada vez mais a preocupação com o corpo se fortalece, visto que ele não estava mais escondido, e sim em evidência.

Em suas pesquisas, Sohn (2011) observa que, embora a publicidade e os cartões postais já exibissem corpos, por volta de 1900, especialmente femininos, em situações e posições sugestivas, o pudor era regra geral na mídia até aproximadamente 1950. É nessa década que a Playboy começa a alcançar tiragens expressivas, nos Estados Unidos. Já no cinema, foi a partir dos anos 1930 que comportamentos e atitudes amorosos inovadores, que mudavam o cotidiano do amor, começaram a ser normalizados.

Conforme a mesma autora, o cinema pornográfico propriamente dito começa a ser rodado no começo da década de 1900, nos Estados Unidos. Os filmes, porém, são exibidos

apenas em locais fechados. Seu sucesso é tamanho que, em 1920, o governo norte-americano busca uma lista de regras as quais todos os filmes devem respeitar. Já na década de 1970, inúmeros cineastas começam a investir nesse tipo de filme, visando contestar a ordem pública e os tabus sexuais. É nessa mesma época que os filmes começam a ser produzidos em massa e os bilhetes dessa categoria chegam a representar um quarto das entradas vendidas nos cinemas norte-americanos. Assustado com a dimensão que o gênero está ganhando, o governo dos Estados Unidos anuncia uma lei que exige que os filmes sejam examinados por uma comissão e então exibidos em salas especializadas, proibidos de fazer propagandas e produzidos sob altas taxas. O videocassete aparece assim como uma solução para a continuação da indústria pornográfica.

O filme pornográfico marca uma importante passagem na sexualidade, reflete Sohn (2011), sendo pioneiro ao mostrar atos sexuais reais, mesmo que encenados e roteirizados por profissionais do sexo que os estereotipam e os separam de qualquer tipo de relação. É também com a indústria pornográfica que o que antes era mal visto, como a felação, a sodomia e algumas posições sexuais, volta a se integrar ao repertório sexual. Muito em razão até mesmo da publicidade, a pornografia perde seu caráter inicial de transgressão e vai influenciar vários campos da vida das pessoas (marcas famosas, como Dior, usam um pornô leve para anunciar seus produtos, suas propagandas sempre têm algo de erótico e sedutor).

Disseminado no século XX, junto com o aumento progressivo da intervenção médica no corpo sexuado, o discurso científico também contribuiu para o surgimento de importantes questionamentos a respeito do corpo e dos comportamentos sexuais, observa Sohn (2011). Diferente do século XIX, quando se viu o surgimento de uma política da vida que visava controlar e normatizar a vida sexual das pessoas (principalmente controlando as mulheres e os atos sexuais não reprodutivos), o período entre as Grandes Guerras viu surgir os primeiros discursos da chamada sexologia. Esta, ainda se encontrava ligada às antigas normas sexuais que tratavam a sexualidade sempre relacionada aos binômios masculino/feminino, conquistador/conquistada, ativo/passivo. Apesar disso, os discursos da época ajudaram a progressivamente democratizar o prazer e a tirar a sexualidade do silêncio, ao mesmo tempo que lançaram as sementes para o surgimento da sexologia científica da metade tardia do século XX.

Grande responsável pela sexologia moderna, o americano Alfred Kinsey publicou, em 1948, um relatório divulgando os hábitos sexuais de 10.000 pessoas, relata Sohn (2011). O

inovador desse relatório repousa no fato de ele não se preocupar em classificar comportamentos em relação à norma, mas sim em retratar a real sexualidade, baseando-se no prazer e na sua busca. Os resultados apontam para uma sociedade que vive certa liberdade sexual, contrária a toda norma repressiva ainda em vigor nos Estados Unidos da época. Os dados arruínam algumas normas da castidade e da heterossexualidade ao mostrar, por exemplo, que grande parte da população entrevistada já havia praticado atos homossexuais (37%) e que a masturbação e as relações praticadas antes do casamento eram corriqueiras e não exceções. A pesquisa também concluiu que a sexualidade feminina era semelhante à masculina, o que em muito contribuiu para a busca pela igualdade de gênero no que diz respeito ao prazer.

Ainda conforme Sohn (2011), é a partir da década de 1960 que a sexologia começa a ser utilizada de forma terapêutica. A sexualidade começa a ser tratada com vistas à cura das disfunções a partir de terapias, estas, porém, ainda baseadas em uma sexualidade heterossexual e conjugal. O foco não é mais a anomalia, e sim as disfunções do orgasmo, que devem ser trabalhadas para que se possa chegar à sexualidade ótima. O tema passa a se popularizar de tal forma que se espalha pelas rádios e pelas revistas, femininas principalmente. É dessa maneira que, na busca por democratizar o prazer, uma nova obrigação se mostra: o orgasmo. Este, junto ao bom desempenho sexual, torna-se obrigatório e sinônimo de boa saúde, devendo sempre ser alcançado, como prova de uma sexualidade normal. Aqueles que estão fora da norma, devem se utilizar de todas as estratégias disponíveis para alcançá-la.

Ao refazer esse caminho, a autora aponta ser possível perceber o aumento da importância dada à medicalização e à gestão do corpo sexuado. O corpo das mulheres é medicalizado na medida em que o início de sua vida sexual é marcado pela primeira visita ao ginecologista e pelo uso do anticoncepcional. Este, a partir da sua legalização na década de 1960, é responsável pela maior liberdade sexual, mas também por um acompanhamento e vigilância médica mais rigorosa das mulheres. O corpo feminino no século XX é considerado uma gestante em potencial, uma gestante ou uma mulher responsável por uma criança. É principalmente a maternidade que define a mulher nos cuidados médicos de sua sexualidade.

Quanto às funções sexuais masculinas, estas receberão a atenção da medicina muito tempo depois, argumenta Sohn (2011). Mais precisamente no final da década de 1990, com a comercialização de estimulantes sexuais como o Viagra. A impotência, então, antes

considerada normal e tolerável em certa fase da vida, passa a ser vista como distúrbio puramente orgânico e passível de tratamento farmacêutico. O Viagra altera o modo de lidar com a sexualidade. Agora, dissociada da relação com o parceiro, limita-se a reações orgânicas. Da terapia conjugal passa-se à terapia farmacêutica, à busca pelo prazer e pelo lucro, no caso da indústria medicamentosa.

A autora identifica no aparecimento da AIDS uma grande mudança no modo de viver a sexualidade. A anterior erradicação da sífilis com o uso de antibióticos tinha criado um clima de relaxamento com a prevenção das doenças venéreas entre a população. A AIDS aparece para chacoalhar esse cenário, transformando o discurso da liberdade sexual e do hedonismo em discurso médico e sanitário com a identificação dos chamados comportamentos de risco. A vigilância volta a cair, porém com o surgimento das terapias de controle da doença que dão à mesma uma imagem de doença crônica e não mais tão fatal quanto antes.

É também no século XX que a sexualidade passa por uma libertação a respeito das palavras e da gestualidade e a respeito das regras relacionadas à relação conjugal tradicional, observa Sohn (2011). Nessa época muitos tabus começam a ser quebrados e uma maior liberdade sexual é experimentada ao mesmo tempo que as relações realizadas através da violência e da coerção são deslegitimadas. É nesse século que, cada vez mais, o vocabulário fisiológico ganha terreno junto com a medicalização, e gestos físicos, como o beijo na boca, ganham espaço, enquanto as proibições lançadas pela Igreja perdem sua dominância. Gestos antes extremamente condenados passam a ser avaliados não mais pelas antigas normas, mas por critérios ligados ao prazer, a dor ou a repugnância física.

Nesse sentido, é também nessa época que a sexualidade e a reprodução cada vez mais sofrem uma dissociação, ela argumenta. Os métodos contraceptivos evoluem ao mesmo tempo que os casais com muitos filhos já são não mais tão bem vistos, principalmente a partir do período entre as Grandes Guerras. Estando dissociada da reprodução, a sexualidade também se desligou do campo exclusivo do casamento. Como já foi mencionado, um dos principais motivos para tanto foi o fim do casamento escolhido pelos pais. Com a necessidade de encontrar um parceiro por si próprio, a sedução passou a estar mais em pauta do que antigamente. Principalmente a partir da década de 1960, a liberdade sexual é buscada, a priori pelos mais jovens que reivindicam a realização dos desejos sexuais sem culpabilização ou remorso. A liberdade sexual não era tema apenas para os heterossexuais, mas também para os

homossexuais. A luta pela liberdade destes, por sua vez, não se pode dizer ser linear, mas conta com altos e baixos. Passando por graves momentos de discriminação que envolviam até mesmo a busca de uma cura para sua sexualidade – já que foi considerada uma doença pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1968 – a luta homossexual até hoje encontra entraves em diversos setores da sociedade, especialmente entre os religiosos.

Conforme Sohn (2011), no século XX, o corpo sexuado é de certa forma consideravelmente mais livre que o do passado. Liberto das amarras da religião, ele pode experimentar novidades e se mostrar, mas, ao mesmo tempo, deve obedecer a certa normatividade, ou, ao menos, buscá-la através da higiene e da sexologia. Cada vez mais o papel do corpo sexuado é destacado, não apenas nos discursos e no espaço público, mas também na construção da subjetividade.

2.3 Corpo, raça e controle: eugenia no século XX

O corpo ocidental do século XX tinha importante influência da medicina clínica: era costumeiramente visto como um sistema formado por outros sistemas, um organismo formado por órgãos, tecidos e fluidos. Segundo as reflexões de Rose (2007), o privilégio era do corpo do atlas anatômico e da clínica. Era um sistema que estava dentro de um outro grande sistema, aquele formado pelo meio social e que engloba o ambiente e a cultura.

É também no século XX que os pensamentos eugênicos como forma de aprimoramento de uma nação ganham destaque. O cuidado do governo com a situação de saúde da população caminhava no sentido de que fazê-la mais forte e mais saudável (dentro dos parâmetros que acreditavam serem os melhores) aprimoraria a nação em si. Rose (2007, p. 58), ao estudar Bauman e Agambem, discute o entrelaçamento entre a medicina preventiva e o eugenismo que era visto no século XX. Era difícil diferenciar um do outro, visto que a prevenção era realizada no sentido de favorecer aqueles considerados mais fortes – para que estes se procriassem e, assim, fortalecessem a nação e seu território – e eliminar (das mais diversas formas: esterilização, encarceramento, abandono, etc.) os mais fracos e desajustados. O “[...] biopoder era um mix complexo de políticas da vida e políticas da morte” (ROSE, 2007, p. 58, tradução nossa). A biopolítica da primeira metade do século XX baseava-se nas noções de população, qualidade, território, nação e raça.

Para tanto, os Estados utilizavam as mais variadas estratégias para governar a vida da população. Estas podendo ser classificadas em positivas e negativas. As positivas eram as medidas que exaltavam a família, o cuidado, a manutenção e o aprimoramento do corpo, enquanto as negativas iam no sentido de eliminar os desajustados e faziam uso do aborto, da esterilização, da segregação, etc.

Durante o período da Segunda Guerra Mundial, a eugenia viu seu ápice. A Alemanha nazista desenvolveu sua forma mais exterminadora ao estabelecer uma complexa relação entre os ideais eugênicos e ideias predominantes a respeito de raça, doença (e o medo dela) e higienismo da época. Considerava-se que a eliminação dos degenerados era necessária para que a nação sobrevivesse e evoluísse.

Após os absurdos da Grande Guerra, as bases da biopolítica se alteraram consideravelmente. Rose (2007) pondera o trabalho feito para desvincular as noções de genética das de qualidade da população, de forma que o foco passava a ser a saúde individual da pessoa, não mais a qualidade da massa. O autor aponta para o fato de que, atualmente, a mentalidade está mudada a ponto de que não se pensa mais na saúde de um em prol da de todos, nem na ideia da nação como um organismo. O Estado hoje é mais um facilitador que um interventor. Ele continua com suas obrigações básicas, mas, hoje e cada vez mais, com a indústria de seguros e de medicamentos, com todas as tecnologias e discursos existentes, espera-se que o indivíduo seja responsável por gerenciar sua própria saúde, sendo ativo na promoção e manutenção dela. Nas palavras de Rose (2007, p. 64, tradução nossa): “[...] a responsabilidade agora não cai mais naqueles que governam a nação num campo de competição internacional, mas naqueles que são responsáveis pela família e seus membros”. Espera-se que o indivíduo seja capaz de governar sua própria vida, sendo prudente, consciente e responsável.

2.4 Século XXI: molecularização do ser?

O século XXI viu florescer uma noção de corpo baseada na molecularização, conforme as reflexões de Rose (2007). O autor atesta a alternância (se não a substituição) da antiga concepção da medicina que tratava o corpo pelos tecidos, órgãos e fluidos para uma concepção de medicina a qual, influenciada pela maior disponibilidade de tecnologias, trata-o da forma mais molecularizada, atomizada e genética possível. A medicina do século XXI é

importante na configuração do modo de pensar deste século, não apenas em relação à saúde/doença, mas à vida em si, de modo que o conceito de biopolítica molecular ganha força.

Em um cenário no qual as tecnologias estão cada vez mais disponíveis e as pesquisas são aprimoradas, a modernização da medicina vem acompanhada de um inevitável processo de capitalização. A medicina entra para a lógica do capital na medida em que faz parte do jogo de lucro de empresas, seguradoras, indústrias medicamentosas, entre outras.

O cenário atual, analisa Rose (2007), favorece o desenvolvimento de tecnologias de otimização, visto que toda biotecnologia e conhecimento disponíveis hoje possibilitam certo controle biológico o que, obviamente, carrega consigo uma enorme responsabilidade para os indivíduos. A otimização do corpo não acontece apenas no sentido da aparência, da doença e da *performance*, mas também na questão dos processos mentais. É proposta mais uma otimização da vida do que do corpo e da saúde. Como diz o autor,

Essas novas tecnologias [...] não buscam somente curar doenças e danos causados ao organismo, nem aprimorar a saúde, como as dietas e os exercícios, mas mudar o que é o organismo biológico, tornando possível reconfigurar – ou ter a esperança de reconfigurar – os processos vitais a fim de maximizar seu funcionamento e aprimorar seus resultados. [...] essas tecnologias da vida procuram reconfigurar o futuro vital agindo no presente vital. (ROSE, 2007, p. 17, tradução nossa).

A otimização pode ser realizada em dois sentidos diferentes: aquele da susceptibilidade e aquele do aprimoramento. A susceptibilidade opera no nível da prevenção. Ela procura identificar e tratar a pessoa identificada com predisposição genética a desenvolver uma doença futura. Propõe-se uma intervenção no presente para uma possível condição futura, calculada por meio de pesquisas genéticas, de forma a otimizar a vida do indivíduo. O aprimoramento, por sua vez, opera no sentido de aperfeiçoar o corpo desde o seu local mais profundo, de suas operações moleculares, reconfigurando-o de dentro para fora. Contrariando muitas previsões de que o homem se tornaria uma máquina no século XXI, é mais comum observar que ele está se tornando cada vez mais biológico.

A questão da otimização suscita questões importantes a respeito da ética. Seria ético utilizar um medicamento a fim de melhorar as capacidades cognitivas antes de um exame? Ou uma droga a fim de melhorar as capacidades físicas antes de uma prova de natação? Rose (2007) sinaliza que as preocupações éticas que surgem nesse panorama indicam que estaríamos nos tornando seres neuroquímicos. É assim que o autor justifica o surgimento de uma nova biopolítica (chamada por ele de neuropolítica): pelo desenvolvimento de novas

maneiras de manipulação não só do corpo, mas também da mente, através do cérebro e pelo novo senso de pessoa e questões morais que vêm acompanhados de tudo isso.

A subjetividade obviamente sofre importantes alterações nesse cenário descrito. Cada um torna-se o principal responsável por resguardar, cuidar e aprimorar o seu corpo e é julgado pelos modos que escolhe para tanto. Segundo Rose (2007, p. 23, tradução nossa), “A saúde, entendida como um imperativo, para si e para os outros, para maximizar as forças vitais e as potencialidades do corpo vivo, se tornou um elemento chave nos regimes éticos contemporâneos.”

É preciso assumir as rédeas da própria biologia. Todo o grande arsenal biomédico do século XX e XXI e as possibilidades que eles trazem operaram importantes transformações no modo de lidarmos com nós mesmos, relata o autor. Em suas palavras, somos “[...] indivíduos somáticos [...] seres cuja individualidade é, pelo menos em partes, fundamentada na nossa existência carnal, corporal, e que experimenta, articula, julga, e age sobre nós mesmos em partes pela linguagem da biomedicina.” (ROSE, 2007, p. 26, tradução nossa)

É dessa forma que se vê cada vez mais a formação de uma cultura somática que valoriza o corpo, o seu controle, a sua modificação e o exalta como modo de viver a subjetividade. Até mesmo questões relacionadas à mente e à personalidade podem ser relacionadas aos conhecimentos biotecnológicos. Distúrbios de comportamento, antes relacionados a fatores sociais, ambientais, etc., hoje são predominantemente relacionados a modificações físicas na formação/função do cérebro, por exemplo. O que, claramente, abre um leque de opções de intervenções diversas, entre elas os psicotrópicos. Deixa-se de aceitar diversas condições, a biologia deixa de ser um destino para tornar-se algo que pode e deve ser responsavelmente manipulado. Rose (2007, p. 40, tradução nossa) oportunamente declara que

Nossa individualidade somática, corporal e neuroquímica agora se torna um campo de escolha, prudência e responsabilidade. Ela é aberta para experimentação e contestação. [...] Biologia não é mais destino. [...] Nós entramos na época das políticas vitais, da ética somática e da responsabilidade biológica.

O mesmo autor ainda aponta para o fato de todos esses cenários estarem criando um novo tipo de cidadania: a “cidadania biológica” (ROSE, 2007, p. 131, tradução nossa). A cidadania biológica do século XXI refere-se ao direito à vida, à cura e a exercer ativamente o controle de sua biologia. Diferente da cidadania biológica dos séculos XIX e XX, em que as nações eram definidas por determinados tipos biológicos, hoje, ela é tomada pelas mãos dos próprios indivíduos que a assumem e defendem seu direito à vida e à saúde. Rose (2007)

aponta também para o surgimento de uma biossociabilidade que pode ser resultante das necessidades do indivíduo. Este se sociabiliza de acordo com toda a cultura somática instalada, formando grupos de apoio de pacientes, por exemplo. Juntos, eles lutarão pelo seu direito à vida e por um reconhecimento de sua condição, de forma a assumir as rédeas de sua realidade biológica/genética.

2.5 Seres neuroquímicos?

A crescente somatização dos séculos contemporâneos afetou também a maneira através da qual lidamos com as emoções. Conforme os estudos de Rose (2007), o que antes era considerado ligado a condições estritamente psicológicas, cada vez mais é ligado a fenômenos da mente – ao cérebro e seu funcionamento. Em suas palavras:

Isso é uma mudança na ontologia humana – no tipo de pessoas que pensamos que somos. Isso acarreta um novo jeito de ver, julgar e agir sobre a normalidade e anormalidade humana. Isso possibilita que sejamos governados de maneiras diferentes. E possibilita que nós nos governemos diferentemente. (ROSE, 2007, p. 192, tradução nossa).

Esse cenário pode ocorrer na medida em que as tecnologias permitem que a mente seja examinada em seu funcionamento mais interno, que ela esteja visível através das mais variadas maneiras e que as informações sejam cruzadas no sentido de conectar um funcionamento deficiente de determinada função a uma condição mental específica de uma pessoa. Nas palavras de Rose (2007, p. 198, tradução nossa): “Quando a mente se faz visível com o cérebro, o espaço entre a pessoa e o órgão diminui – a mente é o que o cérebro faz.”

Capítulo 3

Corporalidade do século XXI

3.1 O corpo em Vogue: dos anos 2001 a 2014

Conforme pode ser observado ao longo dos capítulos anteriores, seria uma grande ingenuidade imaginar que falar de corpo seria falar de algo estável, unânime e imutável. Falar de corpo implica considerar todo o contexto histórico no qual o mesmo está inserido. Os capítulos anteriores buscaram exemplificar a relação entre o ambiente sociocultural e a corporalidade em alguns momentos específicos da história ocidental.

Muito se falou e se fala do corpo do passado. O tempo que nos separa dessa época é capaz de trazer mais clareza nas observações. O olhar distanciado, de certa forma livre das paixões dos seus antigos contemporâneos (e mesmo que provavelmente contaminados por paixões atuais), ilumina porções obscuras das sociedades daqueles tempos. É nesse sentido que os pesquisadores debruçam-se sobre obras de arte, cartas, documentos, etc.: na busca de se aproximar o mais profundamente possível das noções de corpo daqueles períodos.

Dessa mesma maneira, na sede de conhecer as particularidades do corpo contemporâneo, a análise dos meios de comunicação se mostra uma importante ferramenta. Sendo a mídia uma importante produtora e refletora dos modos de ver/pensar/tratar o corpo, compreender o que se passa nela e relacioná-lo com o contexto ambiental e cultural é capaz de auxiliar na compreensão da corporalidade atual.

Na tentativa de cumprir essa árdua tarefa, a revista Vogue Brasil foi a mídia selecionada para análise. Principal publicação de moda no país, a revista chegou ao país em 1975 e conta com uma tiragem mensal de 106 mil exemplares. Seu público é formado majoritariamente por mulheres (77%) pertencentes à classe AB (70%) de 25 a 54 anos (49%) (MÍDIA, 2015). As edições privilegiadas de atenção foram as do século XXI, ou seja, de 2001 até 2014. Dentro desse período, a seção Beleza e algumas matérias que se mostravam pertinentes ao tema foram selecionadas. Não se buscou aqui analisar a questão da moda em relação a vestimentas e acessórios, mas em relação ao corpo e seus cuidados. Dessa forma,

foram valorizados os conteúdos das matérias que falavam explicitamente sobre a corporalidade, em detrimento às fotos ou a uma análise no sentido exclusivo da imagem. Buscou-se compreender o que a revista entende por corpo através do que ela valoriza como sua vivência no mundo. Para tanto, a sessão Beleza mostrou-se extremamente rica.

Além da significância da revista no país, ela foi escolhida também pela forte relação existente entre moda, biopolítica e corpo. Nas palavras de Katz (2012, p. 17), “A moda tem um papel na biopolítica quando publiciza um tipo de corpo que colabora com a domesticação da nossa percepção, alimentando-a somente com os aspectos mais aparentes da sua visibilidade.”

Katz (2012) ainda sinaliza a ligação entre os ditames da moda e a predominância de um tipo de conhecimento baseado no colonialismo que privilegia uma visão eurocêntrica do mundo, que coloca o sul em sua subserviência, do qual o corpo brasileiro não escaparia, mesmo quando ele tenta negar o corpo tipicamente brasileiro (tropical, carnavalesco, festeiro e exuberante) para aceitar de braços abertos um corpo indiferente-passivo:

Mas é preciso atentar que a operação de reconhecer o corpo-passivo-indiferente embute uma ameaça interessante: uma vez que nos aproxima de nossos vizinhos, implica o cancelamento da singularização hipertrofiada que odiamos-amamos, aquela implícita na operação que reduz ao “tipicamente brasileiro”. (KATZ, 2012, p. 19).

O corpo da revista vem sempre acompanhado de discursos que indicam como aproximar-se/tornar-se como ele. Ele é o desejo e está ali, esmiuçado em detalhes para que seja possível alcançá-lo. Katz (2012) vê esse cenário com parcimônia. Para a autora, trata-se de um aumento nas vias de controle do corpo. Em outro artigo, Katz (2011, p. 72) retoma a discussão sobre o controle e se inspira no trabalho de Foucault:

Para Foucault, o panóptico é transformado nas sociedades disciplinares de controle, mais eficientes e mais baratas de serem mantidas, uma vez que são discursos que passam a fazer o papel de panópticos em nós. Um desses discursos, talvez o mais proeminente hoje, seja aquele produzido por uma certa proliferação de imagens sobre o corpo na área da moda, pois a moda que os meios de comunicação divulga revela-se um bom exemplo de discurso fetichista sobre o corpo-processador, que o desinveste da potência política a qual lhe pertence.

Percebe-se, dessa forma, que a moda é campo importante para estudo do corpo contemporâneo. Atravessada pelos discursos da beleza, da saúde e da nutrição, a moda tem participação significativa na substituição do lugar antes ocupado pelas preocupações com a alma pelas preocupações com a saúde e a estética.

As edições consultadas da revista Vogue Brasil vêm para confirmar essa constatação. A publicação tem um olhar privilegiado para a moda, fala sobre as tendências da estação, sobre pessoas influentes no meio, sobre festas, arte, viagens, etc., mas a presença de uma seção dedicada exclusivamente à beleza física – sinalizando um claro interesse pelo corpo, já que não há beleza descolada do aspecto físico – e seus conteúdos mostram-se importantes indicadores de como a corporalidade é tratada atualmente.

A beleza é tímida na Vogue do começo do século. Nas primeiras edições, poucas páginas são dedicadas à seção Beleza. O primeiro exemplar consultado (figura 1), de janeiro de 2001, conta apenas com quatro páginas separadas para essa parte. Nessas páginas fala-se sobre os cuidados para manter mãos e pés belos e apresentáveis, já que o verão – época da publicação – pede pernas e pés de fora e as mãos denunciam a idade.

Figura 1 – Matéria da revista Vogue Brasil, em janeiro/2001



Fonte: Vogue (2001).

Poucos cuidados são requisitados, alguns cosméticos específicos apresentados, mas sem detalhes como valor ou local de compra.

Nesse mesmo ano, a seção aos poucos começa a ganhar um pouco mais de espaço, à atividade física reservam-se pequenos espaços em meio a dicas diversas, enquanto a estética começa um processo de ascensão, ainda que a moderação seja a palavra-chave nos cuidados com a beleza (figuras 2, 3 e 4).

Figura 2 – Matéria da revista Vogue Brasil, em maio de 2001



Fonte: Vogue (2001).

Figura 3 – Matéria da revista Vogue Brasil, em março de 2001



Fonte: Vogue (2001).

Figura 4 – Matéria da revista Vogue Brasil, em setembro de 2001



Fonte: Vogue (2001).

Nos próximos anos, a seção mantém seguindo certo padrão. Apresenta produtos (maquiagens ou cremes) para determinadas ocasiões, privilegiando o tratamento da pele e a pintura do rosto. A forma física pouco é tratada nesse começo de século dentro da seção. O rosto e a pele são os privilegiados. Ao corpo reservam-se algumas notas e poucas matérias no meio da revista.

Como mencionado, a discussão da beleza na Vogue, certas vezes, escapa da seção Beleza. A edição de setembro de 2002 traz como matéria de destaque (fora da seção Beleza) o “Corpo Santo” (figura 5). Essa santidade, nada mais é que o corpo de uma mulher de mais de 40 anos, que conseguiu vencer os obstáculos do envelhecimento na luta pelo corpo em forma e longe dos sinais da velhice. O destaque fica para a atividade física (pilates, corrida, alongamento, mergulho) e alimentação equilibrada. As atividades praticadas fogem daquelas preferidas das mais jovens. Elas estão longe das academias e têm a vida equilibrada como a palavra-chave do Corpo Santo. As entrevistadas são famosas que dividem seus segredos de boa forma com as leitoras.

Figura 5 – Matéria da revista Vogue Brasil, em setembro de 2001



Fonte: Vogue (2001).

Nesse mesmo ano, também fora da seção Beleza, a edição de dezembro discute a polêmica da reposição hormonal na menopausa e os possíveis danos que aquela pode causar, demonstrando certa preocupação com a manipulação do organismo. O que antes era visto, de maneira quase unânime, como benéfico, passa a ser visto com parcimônia e cautela. Os riscos são altos e devem ser ponderados.

A regulação hormonal volta a ser tema da revista em 2003. A edição de março discute o papel da reposição da testosterona visando aumentar a libido de mulheres fora da menopausa (figura 6). Aqui a sexualidade é problematizada, a falta de interesse por sexo transforma-se em doença absolutamente tratável e a reposição é vista com bons olhos. Matéria positiva e com final feliz para aquelas que viviam agoniadas com as questões do sexo.

Figura 6 – Matéria da revista Vogue Brasil, em março de 2003



Fonte: Vogue (2003).

Os procedimentos estéticos e a cirurgia plástica, por sua vez, veem seu espaço, que já era cativo, ser cada vez mais ampliado. As intervenções têm sua complexidade gradativamente aumentada junto aos avanços da tecnologia e da medicina estética. Modificar o corpo cirurgicamente pode ser considerado um futuro certo, porém adiável com a ajuda da estética, como é possível ilustrar com esta matéria da edição de dezembro de 2003 (figura 7).

Figura 7 – Matéria da revista Vogue Brasil, em dezembro de 2003



Fonte: Vogue (2003).

Já em 2004, duas edições com encartes especiais para a seção Beleza sinalizam o destaque que o tema está começando a receber. A primeira delas, publicada em junho, dá destaque para a preparação do corpo para o verão. Nas palavras da própria revista, “Prepare já seu corpo para o verão”. O encarte engloba o mundo *fitness*, questões de nutrição, saúde e viagem. O segundo exemplar, de dezembro de 2004, tem outra aproximação: além de tratar de questões parecidas à outra edição, aqui o foco fica muito mais no bronzearmento.

Figura 8 – Capa da seção Beleza da revista Vogue Brasil, em abril de 2004



Fonte: Vogue (2004).

Figura 9 – Sumário da seção Beleza da revista Vogue Brasil, em abril de 2004



Fonte: Vogue (2004).

Figura 10 – Capa da seção Beleza da revista Vogue Brasil, em outubro de 2004



Fonte: Vogue (2004).

Figura 11 – Sumário da seção Beleza da revista Vogue Brasil, em outubro de 2004



Fonte: Vogue (2004).

Em 2005, a mesma situação ocorre. Apesar de a publicação de junho não ter explicitamente um encarte especial, a seção se expande em relação às outras, dando mais foco para os subtemas: *fitness*, nutrição e saúde. A edição de dezembro traz o encarte especial do corpo do verão e, como no ano anterior, foca no bronzearamento e no estilo de vida praiano, que pede pés hidratados, pele bronzeada e silhueta magra.

As publicações de 2006 trazem algumas novidades. Pela primeira vez, aparece uma demanda por produtos orgânicos. A pequena nota publicada fala sobre o *boom* de cosméticos naturalmente saudáveis na Europa e nos Estados Unidos, sinalizando o aumento da preocupação ecológica e da busca por um estilo de vida sustentável. Esse tema será repetido em alguns anos seguintes, de diferentes formas.

Figura 12 – Matéria da revista Vogue Brasil, em abril de 2006



Fonte: Vogue (2006).

Nesse ano, percebe-se que as preocupações com atividades físicas para saúde e estética começam a crescer dentro da revista, assim como os aparatos tecnológicos. A tecnologia é aplicada também nos procedimentos estéticos, cada vez mais inovadores e também na área dos cosméticos. A nanotecnologia e as pílulas da beleza são novidades que atraem diversas consumidoras (figura 12). O lançamento de uma pulseira que contabiliza os passos diários (figura 13) e que deve ser usada diariamente sinaliza não só a crescente importância que o exercício físico está ganhando, mas também o papel que a tecnologia começa a exercer na promoção da saúde (nas edições futuras, a plataforma vibratória, o videogame e até uma câmara de crioterapia são usadas para tal fim).

Figura 13 – Matéria da revista Vogue Brasil, em maio de 2006



Fonte: Vogue (2006).

A preocupação crescente com a aparência produz uma interessante contradição na edição de agosto do mesmo ano. Dentro da mesma seção Beleza, primeiramente se depara com uma matéria que ensina truques para as mulheres parecerem mais magras (figura 14). O tema seguinte, logo após uma página de publicidade, é uma crítica à obsessão pela magreza (figura 15).

Figura 14 – Matéria da revista Vogue Brasil, em agosto de 2006.



Fonte: Vogue (2006).

Figura 15 – Matéria da revista Vogue Brasil, em agosto de 2006.



Fonte: Vogue (2006).

A contradição não aparece apenas nesse caso. É possível perceber, não com pouco espanto, como a revista alterna seu posicionamento. Ora explicando dietas rígidas, ora as criticando; ora glamurizando os procedimentos estéticos e cirúrgicos, ora prezando pela cautela na intervenção corporal; ora listando os benefícios de um procedimento de detox, como a colenterapia, ora desmistificando-o (figuras 16, 17, 18 e 19).

Figura 16 – Matéria da revista Vogue Brasil, em setembro de 2009



Fonte: Vogue (2009).

Figura 17 – Matéria da revista Vogue Brasil, em setembro de 2008



Fonte: Vogue (2008).

Figura 18 – Matéria da revista Vogue Brasil, em janeiro de 2008



Fonte: Vogue (2008).

Figura 19 – Matéria da revista Vogue Brasil, em junho de 2010



Fonte: Vogue (2010).

O ano de 2007 traz uma importante mudança na área da atividade física. Antes privilegiadas, as atividades moderadas, como caminhada, corrida, pilates, agora a vez é das atividades intensas e com ares de sacrifício. A edição de outubro traz uma matéria falando sobre a mais recente descoberta científica: a atividade física deve ser intensa para alcançar a boa forma (figura 20). Essa descoberta reverberará nas próximas edições da revista. A atividade física deixa de ser moderada, para ser extenuante (figuras 21 e 22). Fala-se do exercício como se falasse de uma guerra, cada vez mais o corpo deve ser superado e conquistado.

Figura 20 – Matéria da revista Vogue Brasil, em outubro de 2007



Fonte: Vogue (2007).

Figura 21 – Matéria da revista Vogue Brasil, em agosto de 2008



Fonte: Vogue (2008).

Figura 22 – Matéria da revista Vogue Brasil, em novembro de 2008



Fonte: Vogue (2008).

O corpo privilegiado da beleza, porém, continua sendo o magro, típico da indústria da moda. Mesmo com toda a gama de atividade física proposta pela revista, preza-se pelo emagrecimento, nunca pela hipertrofia muscular feminina. A imagem da silhueta magra é indiscutivelmente preponderante. Mesmo quando a publicação fala sobre uma praticante de *bodybuilding*, a imagem escolhida para ilustrar a matéria é a de uma mulher magra segurando uma barra de musculação (figura 23).

Figura 23 – Matéria da revista Vogue Brasil, em novembro de 2008



Fonte: Vogue (2008).

Uma exceção no predomínio da magreza pode ser observada na edição que fala sobre a história da modelo Lara Stone, descrita como um “corpo de gente”, em março de 2010 (figura 24); e da modelo *plus size* Crystal Renn, em maio do mesmo ano. Essas duas últimas estão, dentro de seus parâmetros, aceitas pelo mundo da moda, apesar de não serem extremamente magras.

Casos parecidos de aceitação podem ser vistos na presença da atriz Carol Castro e da funkeira Valeska Popozuda, em dezembro de 2013 e março de 2014 (figura 25), respectivamente. Carol Castro é aceita depois de perder seu “estilo brejeiro”, viajar pela Europa, emagrecer, cortar os cabelos e mudar o estilo de se vestir. A funkeira, por sua vez, ganha espaço não só pelos mesmos motivos que Carol, mas, também por produzir um *clip* musical milionário e usar roupas de grife, no lugar das vestes características da periferia que usava. A própria revista demonstra certo espanto com a presença da cantora em suas páginas.

Figura 26 – Matéria da revista Vogue Brasil, em fevereiro de 2010



Fonte: Vogue (2010).

Figura 27 – Matéria da revista Vogue Brasil, em dezembro de 2010



Fonte: Vogue (2011).

Figura 28 – Matéria da revista Vogue Brasil, em dezembro de 2012



Fonte: Vogue (2012).

O corpo do século XXI na revista Vogue, até o momento analisado (agosto de 2014), mostrou-se componente ativo na construção das subjetividades da época. Preocupação constante, não só quanto à aparência, mas à saúde, sinaliza o espaço privilegiado de atenção que o físico recebe neste século. Manipulável, ameaçado, inacabado e esmiuçado, o corpo está constantemente em questão na revista. Sendo a mesma um importante refletor e produtor social, pode-se acreditar que há correspondência entre o que é exibido em suas páginas e o que é vivido por parte significativa de seu público.

3.2 Corpo manipulável

A noção de corpo na revista *Vogue* traz uma visão do mesmo como sendo absolutamente manipulável. Nenhuma região do corpo, dos cabelos aos dedos e unhas dos pés, escapa às possibilidades de manipulação e embelezamento, seja por cremes, tratamentos, maquiagens ou cirurgias: tudo pode e deve ser cuidado a fim de alcançar o máximo da beleza.

A manipulação do corpo na revista é mostrada nas mais variadas formas. Das mais superficiais, como o uso da maquiagem para parecer bronzeada (figura 29), dos cremes contra a celulite e exercícios físicos; às mais profundas, como as cirurgias plásticas, reposição hormonal ou o uso de medicamentos para a beleza; todas são válidas na corrida pelo embelezamento (figura 30).

Figura 29 – Capa da seção beleza da revista *Vogue* Brasil, em novembro de 2007



Fonte: *Vogue* (2007).

Figura 30 – Matéria da revista *Vogue* Brasil, em julho de 2009



Fonte: *Vogue* (2009).

A historiadora Sant'Anna (2001, p. 65) define bem esse cenário de manipulação corporal com as palavras: “Um corpo em reconstrução é infinito”. Segundo a autora, vivemos em um “totalitarismo fotogênico”, surgido após a exacerbação da exposição do corpo, fato possibilitado pelo retraimento do pudor e pelas mudanças nos conceitos de beleza iniciadas em meados do século XX que privilegiavam um estilo de vida praiano: “por conseguinte, será preciso tornar sensual e belo até as singularidades do umbigo e expor partes do corpo até então pouco captadas pela câmera fotográfica” (SANT'ANNA, 2001, p. 66) (figura 31).

Figura 31 – Matéria da revista Vogue Brasil, em setembro de 2003.



Fonte: Vogue (2003).

Na busca pela beleza, tudo é válido dentro do repertório daquilo que é embasado pela ciência. O corpo transforma-se em rascunho, podendo e devendo ser desenhado como se desejar. A tecnologia e a ciência são aliadas nessa busca que, livre das amarras do puritanismo de outrora, faz do corpo e da aparência legítimos objetos de investimento pessoal. Em geral, as intervenções corporais (sejam elas feitas visando a estética ou a saúde) não são mais vistas com maus olhos ou encaradas como pecado como antigamente. Hoje, nas palavras do antropólogo francês Le Breton (2007, p. 27), “a anatomia não é mais um destino, mas um acessório da presença, uma matéria-prima a modelar, a redefinir, a submeter ao *design* do momento”.

Ao analisar as motivações para a realização de uma cirurgia estética, o autor vai além dos imperativos de beleza e juventude cultuados pela sociedade atual, para indicar que muitas vezes as intervenções são feitas por indivíduos que estão passando por momentos de crise (divórcio, luto, envelhecimento, etc.) e enxergam naquelas a possibilidade de alterar sua existência. Conforme Le Breton (2007, p. 30), “A cirurgia estética não é a metamorfose banal de uma característica física no rosto ou no corpo; ela opera, em primeiro lugar, no imaginário e exerce uma incidência na relação do indivíduo com o mundo.”

Para que a cirurgia exerça esse papel, é necessário que, antes, a aparência seja decisiva na relação do ser com o mundo. Esse panorama é bem ilustrado com a matéria “Ter ou não ter?”, de dezembro de 2010. Nesta, duas entrevistadas discorrem sobre o tamanho de seus seios. Por se tratar de uma revista de moda, elas obviamente relacionam o fato de tê-los ou não ao uso de determinadas roupas e à elegância. Mas o destaque da entrevista fica para a fala da mulher definida como “despeitada com estilo”. A entrevistada diz: “Mas aqui estou eu, que gosto do meu peito reto. Muito. Ele faz parte da minha identidade. Por sua causa, aprendi a me vestir do jeito que me visto. É tão mais chique e jovem que trotar por aí com um par de cúpulas artificiais gigantescas [...]” (VOGUE, 2010, p. 338-339; 359). Ela está satisfeita com a sua aparência e não mostra qualquer pretensão de recorrer à cirurgia estética para aumento dos seios. Ao contrário, ela quer preservá-los pequenos, pois se identifica com o seu corpo nesse formato, mostrando que a identificação com o mesmo é importantíssima, mesmo naqueles que não recorrem à intervenção. Segundo Le Breton (2007, p. 30):

A relação do indivíduo com seu corpo ocorre sob a égide do domínio de si. O homem contemporâneo é convidado a construir seu corpo, conservar a forma, modelar sua aparência, ocultar o envelhecimento ou a fragilidade, manter sua “saúde potencial”. O corpo é hoje um motivo de apresentação de si.

As páginas das revistas analisadas vão ao encontro da tese do autor (figuras 32, 33 e 34).

Figura 32 – Matéria da revista Vogue Brasil, em agosto de 2008



Fonte: Vogue (2008).

Figura 33 – Matéria da revista Vogue Brasil, em novembro de 2002



Fonte: Vogue (2002).

Figura 34 – Matéria da revista Vogue Brasil, em novembro de 2008



Fonte: Vogue (2008).

O corpo disponível à manipulação é um corpo aberto à gerência. Tratado como um patrimônio, o corpo é a certeza mais próxima do ser numa sociedade em que as tradições e instituições perderam suas forças. Acreditar e investir no corpo é ter algo próximo no que se agarrar (LE BRETON, 2007). Conforme esse autor,

O desinvestimento dos sistemas sociais de sentido conduz a uma centralização maior de si. A retirada para o corpo, para a aparência, para os afetos é um meio de reduzir a incerteza buscando limites simbólicos o mais perto possível de si. Só resta o corpo para o indivíduo acreditar e se ligar. (LE BRETON, 2007, p. 32).

É dessa forma que o corpo pode ser considerado o parceiro do ser. Muito mais do que a parte decaída do homem, como pregava o dualismo cartesiano, ou o suporte da alma, como era predominantemente encarado pela religião católica, o corpo é a fonte privilegiada de sensação e de sedução: torna-se o local a ser explorado, conquistado, a interceder no contato com o ambiente, mas, mantendo a sedução, já que, em certos locais, sabe-se que o físico é fundamental na formação do juízo dos outros (LE BRETON, 2007). Nesse jogo de sensação e sedução, o corpo é um aliado fundamental.

Nas revistas analisadas, porém, não é qualquer corpo que pode ser o parceiro. Muito deve ser feito para chegar a esse patamar e, para tanto, a revista dá todas as dicas, não só

apresentando determinados procedimentos, como também indicando os profissionais que os realizam e seu custo.

Além da manipulação da aparência, é comum encontrar nas revistas também discussões a respeito da manipulação cerebral e hormonal.

Conforme visto anteriormente, no século XXI, a mente é de maneira constante associada à estrutura e à operação do cérebro. Ela, descolada da ideia antiga da alma, pode agora colar-se à ideia das associações neuronais, ao mesmo tempo que os conhecimentos neurobiológicos vão contaminando a noção de ser humano (ROSE, 2007) e sendo cada vez mais explorados.

Bom exemplo é encontrado na matéria de fevereiro de 2008: “Ginástica mental”. Nela, uma jornalista passa por um exame de imagem que atesta o quão saudável está seu cérebro e, consequentemente, o estado de sua saúde mental. Antes de examiná-la o médico mostra a imagem obtida de outro paciente e o define como portador de um cérebro lindo, bem irrigado e simétrico, obviamente inteligente. Os registros do cérebro dela, porém, não são tão satisfatórios e logo é aconselhada a exercitá-lo (pois ele está envelhecendo) e a trabalhar seus traumas emocionais (o médico consegue identificar na imagem cerebral um desses episódios vividos pela jornalista). Percebe-se que, aqui, o exame de imagem é diretamente relacionado a questões que antes seriam ligadas mais à psicologia que ao físico, sinalizando uma alteração importante no modo de ver/tratar o corpo em relação ao mundo.

A saúde mental é tema recorrente das revistas. Em setembro de 2003, o conselho de exercitar o cérebro já aparecia. Dessa vez a justificativa é de que as facilidades da internet e da vida contemporânea estariam deixando-o preguiçoso. À jornalista é sugerido cumprir um programa de 12 sessões que garante melhorar esse quadro. Nestas, a paciente será submetida a exercícios de memorização e atividades físicas, além de suplementação com vitaminas e treinos para diminuir a ansiedade. Tudo isso é feito somente após ter passado por um gerenciamento de sua vida, visando moderar o estresse e melhorar a qualidade do sono.

O sono (ou a falta dele) também é assunto presente na revista, assim como o uso de medicamentos para aprimorar o funcionamento cerebral. Na edição de dezembro de 2005, já se discutia a existência de remédios para manter a pessoa alerta, mesmo depois de uma noite mal ou não dormida. Em junho de 2009, a revista pregava o consumo de óleo de peixe, vitaminas e suplementos específicos para manter o cérebro jovem e ativo.

Figura 35 – Matéria da revista Vogue Brasil, em fevereiro de 2008



Fonte: Vogue (2008).

Como sabiamente analisa a época dos seres neuroquímicos, Rose (2007, p. 209, tradução nossa) diz: “[...] todos os caminhos através do cérebro parecem terminar no uso de psicofarmacêuticos”. Surgidos com o avanço das pesquisas, como naquelas que buscam a localização de doenças mentais em disfunções morfológicas ou fisiológicas do cérebro, os psicotrópicos fazem parte de uma indústria bilionária que cresce cada vez mais e é sustentada por uma sociedade de controle que pede que as pessoas monitorem sua saúde da melhor forma possível. Nas palavras de Rose (2007, p. 223, tradução nossa): “As novas tecnologias psiquiátricas e farmacêuticas obrigam o indivíduo a se engajar em uma gerência de risco constante, para monitorar e avaliar o humor, a emoção, a cognição de acordo com um processo cada vez mais fino e contínuo de auto-escrutínio.”

Com o objetivo de aprimorar seu corpo e sua *performance*, de recuperar o eu perdido por alguma condição psiquiátrica ou doença, a pessoa – educada por campanhas preventivas de doenças e contaminada por uma visão de si baseada nas neurociências – é convidada a tomar conta do seu corpo com a ajuda da medicina e dos psicotrópicos (ROSE, 2007).

Nas possibilidades que o surgimento de novos tratamentos trazem, condições emocionalmente dolorosas, antes consideradas partes naturais do ciclo da vida, como o processo de luto ou a dor de uma separação, passam a ser vistas como passíveis de intervenção. O antropólogo Le Breton (2007) não vê esse cenário com bons olhos. Para ele, a medicalização da vida impede que os seres trabalhem a dor para construir um significado para a mesma. Segundo Le Breton (2007, p. 65),

Não se tenta mais escapar de condições de vida julgadas contestáveis ou insuficientes. Ao contrário, as pessoas nela se arraigam, anulando, por meio de tranquilizantes, as dificuldades a elas vinculadas ou decuplicando suas forças, para, por um tempo, inscrever-se da melhor forma em uma sociedade em que a concorrência se torna mais rude e onde o fato de viver não caminha mais com as

próprias pernas, de maneira que é preciso sustentá-lo com regularidade com tutores farmacológicos.

Para ele, o uso de psicotrópicos é mais uma prova de que na perda da segurança do mundo, o homem recorre à certeza mais próxima de si: o corpo. A tecnologia provê os meios para controlá-lo e tornar a existência mais suportável. Obviamente, o autor exclui de seu discurso crítico os casos clinicamente comprovados de doenças mentais. Seu foco aqui são as situações da vida cotidiana transformadas em doenças.

Rose (2007) e Rose e Abi-Rached (2013), por sua vez, enxergam o uso de psicofarmacêuticos de maneira menos fatalista. Para eles, o uso do medicamento não ocorre no sentido de criar uma nova personalidade ao usuário, mas no sentido de devolver à pessoa aquilo que ela foi um dia e que, por alguma razão, foi perdido. É mais o sentimento de restauração do que de construção e *design* de um novo eu. Para tanto, apenas a medicação não será suficiente. Será preciso trabalhar a subjetividade de forma intensa, com terapia, introspecção, etc., sinalizando que o ser, conforme esses autores, por mais que esteja impregnado de noções das neurociências e se refira a si mesmo através de seu vocabulário, não deve ser limitado ao seu cérebro. Em suas palavras, o que se vê é mais a “[...] a existência de pessoas com cérebros, não pessoas que são seus cérebros” (ROSE; ABI-RACHED, 2013, p. 220, tradução nossa).

Os autores ainda discutem se é possível descartar de vez um modo psicológico de relacionamento com si mesmo e com o mundo por um modo exclusivamente biológico. Eles concluem que não: apesar da força com que a biologia e as neurociências invadiram o cotidiano, o ser humano se sente responsável por agir sobre seu cérebro. Além disso, vivemos em um tempo de multiplicidade de repertórios para gerir e descrever a personalidade e a subjetividade, dependendo do contexto em que se está inserido. Concluem dizendo que “Se durante o século passado, um senso psicológico de pessoa era o dominante nos nossos modos de pensar, falar e agir em tantas práticas, e na interpretação das ações dos outros, é muito improvável que isso tenha sido apagado pela neurobiologia.” (ROSE; ABI-RACHED, 2013, p. 221) .

Os autores defendem que o cenário em que vivemos não apaga o entendimento moderno de pessoa, mas acrescenta a ele e às práticas de autogerência a dinâmica dos processos neurobiológicos. Para eles, neste século, nós estamos nos entendendo e agindo

sobre nós mesmos através da manipulação cerebral, mas sem que isso invalide os conceitos e considerações do passado (ROSE; ABI-RACHE, 2007).

Percebe-se que todo o organismo está aberto para a manipulação. Nas palavras de Le Breton (2007, p. 66), nota-se hoje que

Essas práticas são modos voluntários de produção de si, de modelagem da identidade pessoal – elas testemunham um imaginário no qual o indivíduo se desdobra, faz de seu corpo um alter ego e se coloca diante de si como *bio engineer* ocupado em gerir seu capital físico ou afetivo, em retificar os erros que ele acredita descobrir em sua “máquina”, em otimizar e explorar seus recursos.

3.3 Corpo inacabado

Para que o corpo chegue a ser visto como um objeto de manipulação constante a tal ponto, é preciso que o mesmo nunca seja considerado completo. Sempre algum detalhe escapa e pede atenção, sempre há alguma outra maneira de aprimorá-lo. A busca pelo corpo desejado, influenciada pelas imagens difundidas pela moda, vai encontro das normas da sociedade capitalista. Todo um ramo da atividade econômica (indústria farmacêutica, alimentícia, de atividades físicas, spas, etc.) depende e gira em torno de uma concepção de corpo que busca um ideal inatingível para a extensa maioria da população. Essa engrenagem do consumo não pode parar. Nas palavras de Katz (2012, p. 26): “no capitalismo, o desejo não pode ser saciado, sob o risco de dismantelar a sociedade do consumo”.

O consumo, nas revistas analisadas, é incentivado das mais variadas formas. Para suprir uma carência, aprimorar o corpo, buscar aquele pouco que escapa... O corpo pede sempre mais. Ele não está completo. Algum retoque sempre se faz necessário.

No verão, os cuidados se intensificam: “Últimos retoques” diz a manchete de outubro de 2001 (figura 36), sugerindo a chamada derradeira para a estação mais quente do ano. Os tratamentos estéticos darão conta daquilo que ainda falta para o corpo estar em ordem para a praia, prometendo resultados satisfatórios e rápidos. São artifícios para aquelas que se dedicaram com disciplina em busca da forma física desejada, mas que ainda não estão satisfeitas.

Figura 36 – Capa da seção Beleza da revista Vogue, em outubro de 2001



Fonte: Vogue (2001).

A atividade física é uma importante aliada na busca pela silhueta dos sonhos. Como já foi visto, o lugar que ela ocupa nas revistas cresce consideravelmente com o passar dos anos, passando de – se assim se pode dizer – um quase segundo plano para um local de destaque. O suor e o sacrifício combinam-se à utilização de uma linguagem bélica, que dá ares de guerra à conquista da boa forma.

A cultura do culto ao corpo e a disseminação dos exercícios físicos viram seu *boom* ocorrer na década de 1980. Segundo Courtine (2005, p. 86), trata-se aí do florescimento de uma “obsessão dos invólucros corporais” que preza pelo corpo jovem, esbelto, longe das marcas da gordura e do envelhecimento. O autor vai ainda mais longe ao criticar a postura adotada por alguns estudiosos que veem apenas duas explicações para um cenário de tal complexidade: alguns o caracterizam como sendo resultado de um investimento narcísico ou hedonista sobre o corpo; outros como sendo uma implicação da sociedade de controle. É evidente que, ao escolher um desses lados em detrimento do outro, corre-se o risco de ignorar as múltiplas facetas de um fenômeno complexo. A busca pelo corpo belo, trabalhado e em forma, pelo amor próprio e pelo prazer, a todo o momento esbarra na disciplina necessária para tanto, de forma que os dois conceitos estão emaranhados e sugerem que haja algo mais a ser esclarecido. Para Courtine (2005), o culto ao corpo é, mais do que tudo isso, a consequência de um processo histórico de liberação progressiva da sociedade.

O pensador Costa (2005, p. 185), ao analisar a questão do culto ao corpo atual, ou o que ele chama de “a personalidade somática de nosso tempo”, discute o papel do narcisismo e do hedonismo nas sociedades contemporâneas. O autor define o narcisismo como um modo de viver no qual o indivíduo importa-se somente consigo mesmo e valoriza as instituições

(como família, Igreja e pátria) apenas se elas puderem servir como instrumentos de autorrealização; e o hedonismo como um efeito dessa dinâmica, em que o sujeito que cuida de si faz da satisfação sensorial um equivalente à felicidade. O indivíduo submerso nessa personalidade seria, então, alguém preocupado apenas com suas questões pessoais (narcisismo) e desligado de qualquer projeto duradouro (hedonista).

Para Costa (2005), porém, definir a sociedade dessa maneira simplifica questões tortuosas. Baseando-se na obra de Lipovetsky (2007), o autor justifica: “[...] não creio que os indivíduos desistiram de agir moralmente para se tornar bolhas narcísicas” (COSTA, 2005, p. 189).

Lipovetsky (2007) analisa a atualidade de maneira singular. Para ele, assim como para muitos outros pensadores, vivemos em uma época em que os valores tradicionais perdem sua força. O diferencial de seu pensamento está em destacar o papel que a era da moda consumada e a tríplice efêmero, sedução e diferenciação marginal exercem nas mais diversas áreas da vida coletiva. Em suas palavras:

Não mais a imposição coercitiva das disciplinas, mas a socialização pela escolha e pela imagem. Não mais a Revolução, mas a paixãoite do sentido. Não mais a solenidade ideológica, mas a comunicação publicitária. Não mais o rigorismo, mas a sedução do consumo e do psicologismo. Desprendemo-nos em algumas décadas do primado das ideologias rígidas e do esquema disciplinar característico da fase heroica das democracias; as sociedades contemporâneas reciclaram-se em *kit* e em serviço expresso. O que não significa, evidentemente, que tenhamos rompido todos os elos que nos ligam a nossas origens: a sociedade frívola não sai do universo competitivo e burocrático, entra em seu momento flexível e comunicacional; não sai da ordem burocrática, realiza-a na febre do espetacular, na inconstância das opiniões e das mobilizações sociais. (LIPOVETSKY, 2007, p. 155).

Importante frisar a atitude positiva do autor frente a tal momento: ele não declara o fim do passado, mas uma diminuição do seu papel no presente. O passado ainda é valorizado e admirado, porém a sociedade funciona focada no presente e na incerteza do futuro. É a era da moda que se consolida (LIPOVETSKY, 2007).

Tornando às revistas analisadas, o presente é o momento da intervenção e da guerra pelo físico dos sonhos. O futuro é o resultado esperado, a realização de um desejo desesperado pelo corpo acabado e, finalmente, completo. A impressão que fica, a cada edição revisada, é que esse futuro nunca chega: está sempre sendo postergado pelas necessidades que são sempre renovadas e recicladas. Dessa forma, a preocupação com o próprio corpo é constante e motivo de ansiedade. Seria esse cenário apenas negativo? Um sinalizador do fim

do homem democrático e o nascimento de um homem egoísta e centrado apenas nas sensações e aparências?

Lipovetsky (2007) acredita que não. Para ele, a lógica da moda aplicada à vida contemporânea autoriza e embasa cada vez mais um individualismo que, segundo o autor, deve ser caracterizado como democrático, pois permite que o sujeito desenvolva sua autonomia individual e que a democracia se consolide, longe de ameaças externas, como a religião, por exemplo. A atual faceta do individualismo, segundo Lipovetsky (2007), não transforma os sujeitos em egoístas e egocêntricos, mas permite que eles pensem e ajam de maneira independente de coerções coletivas.

Para Maffesoli (2005), o sujeito atual, desprendido das instituições tradicionais e vivendo, em sua maioria, de forma presenteísta, vive desinteressado por tudo aquilo que ele não pode controlar diretamente, como a política; e investe naquilo que está ao seu alcance: o corpo, a moda, a imagem, o social. Para ele, “[...] desde o momento em que o fundamento divino perde a sua substância e o progresso não é mais considerado como um imperativo categórico, a existência social é entregue a si mesma” (MAFFESOLI, 2005, p. 13). De forma que, a decadência de um projeto racional comum é diretamente ligada à ascensão de uma vida baseada na sensação coletiva, no cotidiano, nas festividades, etc.

O hedonismo aparece, então, como parte fundamental de tal momento contemporâneo. Aproveitar a vida, não se deixar de lado em favor dos outros ou do trabalho, festejar com os amigos, realizar qualquer desejo, divertir-se, viajar e fazer compras são imperativos significativos quando se fala de prazer.

A sedução dos objetos, o consumo, a volatilidade dos desejos e os prazeres têm seu espaço garantido no que Lipovetsky (2007) chama de império do efêmero. Na análise do autor, o consumo e o hedonismo caminham lado a lado. No entanto, não devem ser considerados os grandes maus da humanidade. Pelo contrário, devem ser vistos como um vetor de autoafirmação que vai contra a uniformização: “[...] a cultura hedonista estimula cada um a tornar-se mais senhor e possuidor de sua própria vida, a autodeterminar-se em suas relações com os outros, a viver mais para si próprio.” (LIPOVETSKY, 2007, p. 176). A era da moda permite que as grandes e universais noções de vida de antes, surgidas na época em que as instituições eram fortes, sejam suplantadas por noções menores, mais específicas e maleáveis de singularidades: “[...] as consciências, longe de serem massificadas pela moda,

são arrebatadas num processo de diferenciação ampliada, de *bricolage* intelectual à la carte.” (LIPOVETSKY, 2007, p. 262).

Por outro lado, à democratização e liberdade que a moda pode trazer, o próprio autor sinaliza o efeito negativo que a mesma pode desencadear. Obviamente, nenhum cenário é absolutamente positivo: “a individualização das consciências conduz também à apatia e ao vazio intelectual, ao pensamento-spot, à salada mental, às adesões mais desarrazoadas, a novas formas de superstição, ao ‘qualquer coisa’” (LIPOVETSKY, 2007, p. 264).

Em suma, Lipovetsky (2007) é bastante positivo em relação à era da moda. Para ele, nada de saudosismos ao olhar o passado. O espírito da moda permite que o homem se engaje em um estilo de vida democrático e que fale por si, desenvolvendo seu pensamento próprio. Ao mesmo tempo, as lutas sociais não desaparecem, mas se reinscrevem dentro de uma lógica diferenciada. Em suas palavras, “a era da moda não desemboca no egoísmo consumado, mas no engajamento intermitente, maleável, sem doutrina, sem exigência de sacrifício” (LIPOVETSKY, 2007, p. 282). Daí as manifestações pelos direitos a uma vida confortável e justa para todos: a luta pela melhoria do transporte, pela liberdade sexual, pela liberação do aborto, pelos direitos iguais e erradicação da miséria, por exemplo. O panorama não é desastroso, mas diferente: “Temos menos rigorismo doutrinário, mas mais preocupações humanitárias; menos abnegação ética, mas mais respeito pela vida; menos fidelidade, mas mais espontaneidade de massa. Isso não leva nem ao melhor nem ao pior dos mundos” (LIPOVETSKY, 2007, p. 282).

Para Costa (2005), os valores das instituições tradicionais não se perderam totalmente, mas foram reescritos dentro de uma lógica pessoal. O autor ainda argumenta que o lugar do universal foi tomado pelo que denomina de “mito cientificista” (COSTA, 2005, p. 189), quando

[...] as formas de vida, antes referendadas por valores religiosos, éticos ou políticos, passaram a se legitimar no plano do debate científico. O que era medido por critérios pertencentes à esfera dos ideais morais passou a ser avaliado por métodos de controle e validação experimentais. A virtude moral deixou de ser o único padrão da vida reta e justa. Agora, o bom ou o Bem também são definidos pela distância ou proximidade da ‘qualidade de vida’, que tem como referentes privilegiados o corpo e a espécie. (COSTA, 2005, p. 190).

A qualidade de vida em foco permite que o cuidado com o corpo atinja um lugar de destaque. Atentar-se ao físico e aos hábitos, antes ligados à salvação da alma, hoje se ligam à

conquista da longevidade, saúde, beleza e prazer. A qualidade de vida vira quase que um direito e um dever de todos, é um fim nela mesma.

Buscar a qualidade de vida, porém, contradiz a ideia de que viveríamos em uma sociedade imersa no hedonismo, mergulhada no consumo, no êxtase e distante de qualquer preocupação. Conforme Lipovetsky (2008), essa visão, que reaviva a figura de Dionísio, traduz o sujeito como alguém que deseja romper com toda subjetividade, num paroxismo de sensações, prazeres e consumo. A busca pela qualidade de vida, porém, vai contra tal metáfora, visto que, na verdade, ela prega uma vida regrada e a mais equilibrada possível. Como exemplo, é possível analisar a questão da saúde, componente extremamente importante para avaliar a qualidade de vida: para que ela seja positiva, certas convenções que dizem respeito à forma de se alimentar, trabalhar, fazer atividade física, se exercitar, etc. devem ser cumpridas.

A edição de abril de 2013 da Vogue traz uma ilustração interessante do conflito hedonismo e prazer x qualidade de vida e boa forma. Na matéria “Fit or treat” (figura 37), essa luta é representada por duas mulheres que falam sobre qual estilo de alimentação escolheram para sua vida: a regrada ou a prazerosa. São depoimentos pessoais que falam sobre a importância dada ao prazer e/ou à saúde.

Figura 37– Matéria da revista Vogue Brasil, em abril de 2013



Fonte: Vogue (2013).

A preocupação cada vez mais crescente com a saúde e a longevidade fazem do presente uma luta constante contra qualquer tipo de ameaça. O cuidado com o corpo distancia-o da ideia do hedonismo desenfreado. Lipovetsky (2008) busca em outra metáfora, a de Narciso, uma caracterização mais exata do momento. Para ele, Dionísio sai de cena para dar lugar a Narciso, preocupado com a gerência de sua vida. Nas palavras do autor,

No rastro da medicalização da sociedade, Narciso triunfou sobre Dionísio, um Narciso menos despreocupado que vigilante, menos maravilhado com sua beleza que apreensivo com sua aparência e sua saúde, menos fechado em si mesmo que atento às informações e aos riscos sanitários. Narciso já não se perde na contemplação de sua imagem, consulta médicos e especialistas, adora estratégias de prevenção, muda sua alimentação, renuncia ao tabaco, protege-se do sol, pratica atividades de recuperação da forma, corrige sua aparência física. (LIPOVETSKY, 2008, p. 240).

Trata-se mais de uma autoconservação do que de um arrebatamento na direção do prazer. A civilização hedonista tem seu lugar, mas, ao mesmo tempo, é acompanhada por uma noção de complexidade da vida e de reflexividade. Vê-se aqui a exaltação do momento, ali as regras para uma vida equilibrada; aqui a glamorização de uma vida de consumo, ali a preocupação ecológica; aqui os prazeres do comer e beber, ali a vigilância do peso. Contradições que, obviamente, não cessam de trazer problemas e causar ansiedade: “[...] a ociosa despreocupação hedonista recua à medida que cada um se torna um autor autônomo e informado” (LIPOVETSKY, 2008, p. 241).

É possível enxergar a contradição nas publicações analisadas. Como já brevemente referido anteriormente, a revista flutua entre diferentes posições: por vezes enaltecendo o bronzamento, por vezes discutindo os danos que o sol pode causar; os tratamentos estéticos e cirurgias plásticas ora são glorificados, ora são vistos com cautela. Observa-se que, em geral, a seção Beleza preza por um discurso que, ao mesmo tempo que exalta certas atitudes em relação ao corpo, aconselha a responsabilidade e o equilíbrio na busca pela aparência desejada. A balança, porém, não se equilibra: o bombardeamento de informações e possibilidades de embelezamento é muito mais significante. O corpo cultuado é o magro e tonificado, sinônimo de boa saúde. A pele é cuidada, livre de rugas, marcas e pelos e bronzeada na medida certa. O corpo gordo, musculoso, ou mesmo o comum inexistem: dificilmente é encontrado em suas páginas. Não há espaço para ele. Como foi visto anteriormente, no caso da funkeira Valeska Popozuda e da atriz Carol Castro, foi preciso que elas se moldassem à revista para conseguir seu espaço. Já a *bodybuilder*, Antonia Pellegrino, apesar de ter sua história contada na publicação, não tem sua foto exposta, ela é trocada por uma modelo. Ao mesmo tempo, as modelos Lara Stone e a *plus size* Crystal Renn têm seu espaço garantido, pois já estão imersas no mundo da moda.

Mesmo a sexualidade é analisada dentro da lógica Dionísio x Narciso. Para Lipovetsky (2008), acreditar que estejamos vivendo uma época de intensa liberação sexual a favor da hipersexualização virtual e da orgia banalizada, como sugere a escalada do pornô, é

um equívoco, na medida em que o consumo em excesso das imagens e do discurso do sexo ultrapassa as práticas das pessoas. A realidade é moderada:

Excrescência icônica do sexo, moderação libidinal das massas: com exceção de algumas minorias, as lógicas de excesso permanecem restritas apenas ao consumo de imagens e discursos. [...] Nem orgíaco nem puritano, o modelo dominante é o de um hedonismo temperado, pouco excessivo. (LIPOVETSKY, 2008, p. 245).

Conforme as reflexões do autor, ao mesmo tempo que crescem os discursos do sexo, aumentam também as exigências narcísicas de reconhecimento de si, de amor, de intimidade e de comunicação. Na era do individualismo narcísico, preza-se pela qualidade da relação e pelo reconhecimento de sua subjetividade como sendo especial para o outro. Ser reconhecido como alguém insubstituível e único para outroem se transforma em felicidade na medida em que aquele se sente valorizado como pessoa e lisonjeado pela situação que o transforma em objeto de admiração (LIPOVETSKY, 2008).

Ao mesmo tempo, não é possível ignorar a influência que uma visão higienista do corpo exerce sobre a sexualidade. O discurso da saúde, que privilegia o sexo praticado com segurança e cuidados, contribui para mantê-lo distante das orgias de Dionísio. Na Vogue de maio de 2002, sob a imagem de um cinto de castidade (figura 38), fala-se sobre a esperança do desenvolvimento de um anticoncepcional capaz de eliminar ameaças de micro-organismos, inclusive o vírus do HIV.

Figura 38 – Matéria da revista Vogue Brasil, em maio de 2002.



Fonte: Vogue (2002).

Esse breve percurso percorrido é capaz de mostrar porque a hipótese de uma sociedade hedonista perdida em seus prazeres é falha. Nas palavras de Costa (2005, p. 191), “[...] a construção das bioidentidades e o cuidado com a espécie não são condutas meramente passivas e hedonistas”. São condutas que exigem disciplina, vontade e controle do corpo a fim de eliminar hábitos indesejados e/ou vistos como prejudiciais. O autor ainda sinaliza que o

legado cultural greco-judaico-cristão – que vê as outras coisas e seres do universo como facilitador da vida humana e submetidos à vontade do homem, cuja maior meta é alcançar a salvação da alma – é substituído por uma crença ligada a uma ética mais biológica (a bioética) que à ética político-religiosa anterior.

Rose (2007) analisa essa questão listando quatro fatores que exerceram forte influência no processo de somatização da ética e que, então, possibilitaram caracterizá-la como bioética. Primeiramente, isso só foi possível em razão do aumento da preocupação com a existência corporal e sua consequente problematização. Além disso, inúmeros especialistas somáticos (conselheiros genéticos, grupos de apoio, etc.) surgem unindo-se aos médicos tradicionais para somar conhecimentos visando o gerenciamento da vida de forma cada vez mais refinada. Da mesma forma, o fato de uma visão de mundo baseada na biologia e cada vez mais específica estar se popularizando contribuem para mudar a noção que temos de nós mesmos. Por último, o autor dá destaque às expectativas do futuro: para ele, o fato de elas estarem impregnadas de esperanças na manutenção da saúde para o prolongamento da existência da humanidade através da descendência humana (e não de um futuro tomado por máquinas ou um cenário de superação do corpo) mostra como a ética está transformada. Em suas palavras, “a gestão da saúde e da vitalidade, uma vez ridicularizada como uma obsessão ou um narcisismo egocêntrico, hoje alcançou um significado ético incomparável na condução da vida de tantas pessoas” (ROSE, 2007, p. 258, tradução nossa).

As discussões a respeito do tratamento do corpo são tratadas de forma contundente nas mídias analisadas. O corpo é esmiuçado, como já foi possível perceber, e tem toda sua superfície e seu interior explorados pelas mais diversas regras. Trata-se de caminhar para a construção do corpo da revista: todos os conselhos de boa forma, saúde e embelezamento direcionam para a aparência que é privilegiada: a do corpo magro da moda.

Como bem realça Santaella (2008), o tratamento digital das imagens fotográficas contribui para que a imagem do corpo perfeito e sem defeitos difunda-se, de forma que todos estão sempre extremamente parecidos. A autora ainda, ao refletir sobre o poder da mídia, diz que “São, de fato, as representações nas mídias e publicidade que têm o mais profundo efeito sobre as experiências do corpo. São elas que nos levam a imaginar, a diagramar, a fantasiar determinadas existências corporais, nas formas de sonhar e de desejar que propõem.” (SANTAELLA, 2008, p. 126).

Fácil identificar aí a força exercida pelos padrões de beleza atuais e da mídia. Bombardeados constantemente pelas imagens e discursos insistentes sobre a busca, a luta, o controle e a glória sobre a carne em favor da silhueta ideal, os sujeitos investem e cultuam seus corpos em busca de uma conexão que se sente perdida.

Por outro lado, cada vez mais o corpo é ameaçado. Não só na busca pela boa forma, mas nas questões da saúde: os agentes patológicos, as doenças, as contaminações são assuntos de interesse crescente. Na edição de agosto de 2007 da revista Vogue, com um foco ambientalista, veem-se matérias que prezam pelo uso de cosméticos orgânicos e outras que alertam sobre o risco de se alimentar com verduras contaminadas (figura 39). Já na edição de julho de 2004, fala-se sobre a possibilidade de tratar um câncer de pele que ainda não apareceu sintomaticamente, mas que foi identificado como um risco através de um moderno aparato tecnológico (figura 40).

Figura 39 – Matéria da revista Vogue Brasil, em agosto de 2007



Fonte: Vogue (2007).

Figura 40 – Matéria da revista Vogue Brasil, em julho de 2014



Fonte: Vogue (2014).

O risco é figura importante. Trata-se de viver em constante monitoração a fim de evitar qualquer surpresa futura. Exige-se responsabilidade e disciplina no tratamento do físico. Além do monitoramento, o consumo dos produtos e dos estilos de vida certos são

privilegiados na busca pela completude corporal, a qual, facilmente suspeita-se, nunca será atingida dentro das premissas de beleza e saúde exibidas nas mídias.

Considerações finais

O corpo do século XXI estampado na revista Vogue reflete importantes características da contemporaneidade.

A imagem e discurso privilegiado são os do corpo da moda. Inspirada nas modelos da alta moda europeia, a revista encarrega-se de ditar os modos para alcançá-lo. Brancas, magérrimas, de pele lisa e em poses que remetem à sensualidade, à beleza e à força, o padrão de beleza privilegiado é o europeu. As modelos negras e latinas (ou mesmo matérias que falem de características específicas de seu corpo e beleza – como cabelo, pele, etc.) são raridades. Em contrapartida, a beleza ligada ao primeiro mundo é difundida e privilegiada como modelo a ser seguido. De acordo com Freyre (1987 apud GOLDENBERG, 2012, p. 70), a aparência típica da mulher brasileira – para ele representada pela atriz Sonia Braga – estaria sob o ataque de um “impacto norte-europeizante ou albinizante”.

Imergido no mundo do consumo, o modelo de corpo vem acompanhado de um manual de instruções (o que usar, quando usar, onde comprar, como agir, etc.). A cada edição, as novidades no mercado da beleza são esmiuçadas e as possibilidades de manipular a existência corporal são multiplicadas. Com tal arsenal de informações, dicas e testemunhos de sucesso, a leitora de Vogue acredita estar a apenas um passo do corpo da revista. Não há segredos: todas as particularidades da beleza e perfeição corporal estão detalhadas. Mesmo o preço e o local em que tal produto e/ou atividade é vendido e/ou praticada são expostos. Tendo todas as informações detalhadas, acredita-se que só não alcança o topo da corrida pela beleza quem não quer e não se esforça o bastante. Logo, a força de vontade é inflacionada como uma das mais importantes características do ser humano. Daí o que Costa (2005) reflete em sua obra: o estulto, aquele que é incompetente para “[...] exercer a vontade no domínio do corpo e da mente, segundo os preceitos da qualidade de vida” (COSTA, 2005, p. 195), torna-se o grande

desviante da contemporaneidade. Ao mesmo tempo, porém, que o sujeito se vê como onipotente sobre o corpo, ele se vê impotente ao enxergar que certas características estão inscritas em seus genes e são independentes de sua vontade e ação – até que as possibilidades da manipulação genética estejam totalmente exploradas, analisa o autor.

Costa (2005) ainda reflete: “o corpo da publicidade [...] não se dirige diretamente a nenhum de nós ou considera as particularidades de nossas histórias de vidas, ao provocar nosso desejo de imitá-lo” (COSTA, 2005, p. 197). A moda apenas o apresenta como ideal a ser perseguido. Não nos julga ou aprova diretamente, apenas apresenta aquilo que deve ser alcançado:

Tudo que resta é correr atrás, sempre em atraso e de forma angustiante, do corpo da moda. Até, é claro, chegar a velhice e sermos convencidos a assumir uma outra bioidentidade, a da *terceira idade*, última tentativa bioascética de permanecer jovem, vital, por dentro da moda. (COSTA, 2005, p. 197, grifo do autor).

A velhice é indesejada na publicação analisada. Os efeitos do tempo sobre a aparência são vistos como algo a ser evitado através dos mais diversos artifícios: cirurgias plásticas, procedimentos estéticos, cremes, exercícios. Tudo é válido na corrida antienvelhecimento da pele, do cabelo, da forma física e também do cérebro. A juventude, glorificada, deve ser conquistada e mantida, postergando sempre que possível as marcas do tempo. Conforme Lopes et. al. (2012) argumentam em sua análise, “o chamado mito da eterna juventude acabou por atribuir um status moral a uma etapa cronológica do curso da vida, impulsionando uma incansável necessidade de sempre parecermos e nos sentirmos jovens” (LOPES et. al., 2012, p. 55). Segundo os mesmo autores, a noção de terceira idade produtiva e ativa é ancorada nas mesmas imagens que a juventude, de forma que os estilos de vida passam a basear-se no consumo e nos cuidados de corpo específicos que prezam por uma corrida antienvelhecimento, delegando ao idoso a responsabilidade por sua condição de vida, seja ela boa ou má: “ao mesmo tempo que com esses novos modelos de envelhecer destituímos a velhice do chamado *eminente fracasso e decadência*, delegamos a ela o fardo da produção contínua do inversamente oposto” (LOPES et al., 2012, p. 56, grifo do autor).

Eternamente jovem, o corpo da revista é permanentemente insatisfeito. Insatisfeito com sua aparência, dispõe dos mais variados artifícios; insatisfeito com os efeitos que o *stress* do cotidiano exerce sobre ele, procura meios para escapar do caos (não que isso signifique uma saída do mundo do consumo). Daí a indicação de spas luxuosos e viagens encontradas no meio da seção Beleza. Visando a melhoria da qualidade de vida, busca-se no contato com a

natureza purificar um corpo repleto de dejetos indesejáveis, contaminado pela desordem da vida na cidade grande. A qualidade de vida rima com práticas que trabalham com a moderação dos hábitos e a desconexão do mundo moderno. Nos spas, preza-se pelo contato do corpo com a natureza. Em alguns, uma visão mística e integrada ao meio natural é privilegiada e práticas de origem oriental, como a yoga e a meditação, são recomendadas. Observa-se que, como frisa Costa (2005), a espiritualidade é mais bem admitida quando está em conjunção com uma preocupação com a qualidade de vida e com a corporalidade (obviamente, isso não significa que esse seja o único cenário da religião; as antigas noções de corpo sacrificado em favor da espiritualidade ainda têm seu espaço no imaginário de alguns). O autor aponta para a inserção das doutrinas espirituais orientais no Ocidente como uma importante transformação. Ele argumenta que tal fato é possibilitado na medida em que a religiosidade oriental destaca a corporalidade na formação moral do homem. Não mais um entrave para a salvação ou um depósito de pecados, dentro delas o corpo é “[...] uma das vias para a vida virtuosa” (COSTA, 2005, p. 210). Conhecer o corpo e seus processos é aperfeiçoar-se moral e sentimentalmente. A espiritualidade oriental mostra-se, então, em completa consonância à corporalidade contemporânea. O cuidado do corpo, não mais referido somente à salvação da alma, refere-se agora à salvação de si. Longe de ser um pecado, é um direito e um dever de todos.

Como pode ser percebido, os cuidados do corpo na revista Vogue estão imersos na lógica do consumo. As reflexões de Prado (2013) vão no sentido de creditar a mídia como a grande enunciatória dos dispositivos que mantêm a engrenagem do consumo funcionando. Segundo Prado (2013, p. 26), ela é responsável por disseminar o que ele chama de “discursos modalizadores biopolíticos”, em consonância com a sociedade de controle contemporânea. Os discursos, por sua vez, incitam ações sobre a vida, sobre como viver e como atingir determinado objetivo. Nas palavras de Prado (2013, p. 26): “as modalizações biopolíticas se referem a projetos de boa vida a partir de modalizações dos analistas simbólicos, entre os quais jornalistas, médicos e psicólogos”. Receitas e manuais, como aqueles encontrados nas revistas analisadas, constroem um passo a passo para alcançar o sucesso na qualidade de vida, na aparência, nas finanças, no amor, etc. Mais do que falar somente dos objetos e de seu uso, “[...] o subsistema dos *media* e da publicidade constrói um mercado do gozo, em que os consumidores são instados a participar, a interagir com o mercado, a viver suas experiências, **a transformar consumo em vivência primordial**” (PRADO, 2013, p. 39, grifo nosso). Para

tanto, não basta somente indicar produtos, mas construir um imaginário de sucesso, felicidade e prazer em volta dele e do estilo de vida que ele suscita.

Nas edições de Vogue analisadas foram encontradas não somente matérias com indicações de tratamentos e cosméticos por especialistas, mas também reportagens em que os mesmos são indicados através de depoimentos pessoais. Uma vez ou outra algum alarde sobre excesso de cirurgias estéticas ou dietas restritivas é encontrado, mas o balanço geral é de uma glamorização do corpo magro imergido no consumo e esculpido por dieta, exercícios, cirurgias e tratamentos. O papel da mídia nesse panorama é muito bem descrito por Prado (2013, p. 60):

[...] os *media* são dispositivos convocadores e orientadores de ação de primeira ordem no capitalismo contemporâneo. As convocações dos sistemas dos *media* e da publicidade buscam a adesão a programas que se propõem a capacitar o leitor em um campo e modalizá-lo para ser o melhor, para sentir-se bem, bem adaptado ao mundo, para se tornar o melhor amante, o melhor profissional, para poder fazer o melhor em termos de sucesso, e para tanto o enunciador mapeia, com a ajuda de tecnoespecialistas, o que deve ser feito para se conseguir esse *plus*, esse a mais em valor, esse gozo a mais.

Com tais análises é possível imaginar que toda a existência do sujeito contemporâneo esteja baseada no ato de consumir. Teríamos todos nos transformado em consumidores, monstros morais que não valorizam o outro, a vida intelectual e subjetiva, preocupados apenas com o consumo? Lipovetsky (2008) afirma que não. Segundo o autor, a contemporaneidade é caracterizada por um evento de reescrita das instituições, dos valores emocionais, do afeto e mesmo do consumo. Não há uma aceitação passiva e absoluta do modo de vida do consumismo despreocupado e hedonista. A contemporaneidade é, sim, palco de destaque destes últimos, mas, ao mesmo tempo, ainda valoriza o crescimento intelectual, profissional e subjetivo, a afetividade, o estar-junto, etc. Não somos compradores destituídos de moralidade. Preocupamo-nos com o consumo ecológico e socialmente correto, casamos por amor, lutamos por igualdade social... O próprio autor diz que não tem intenção de inocentar o que chama de era do turboconsumidor, mas de enxergar o cenário com olhos menos catastróficos. Para ele, a saída para tal situação será encontrada quando o consumismo for reajustado de forma a não ser um obstáculo ao desenvolvimento das potencialidades humanas: quando a realização pessoal for menos relacionada à satisfação mercantil, o mundo terá ultrapassado a era do turboconsumidor.

Mais do que construir um cenário catastrófico e opressor, é preciso ponderar os julgamentos sobre a corporalidade do século XXI. A mídia analisada, uma revista

especializada em Moda, é o extremo do culto ao corpo magro, montado sobre o consumo. Katz (2011), ao refletir sobre o assunto, argumenta que a institucionalização de um único modelo corporal feita pela Moda, que desconsidera a singularidade e unicidade de cada corpo em contato com mundo, sempre produzirá os corpos dóceis que Foucault descreve: “a moda tem um papel na biopolítica quando publiciza um tipo de corpo que colabora com a domesticação da nossa percepção, alimentando-a somente com os aspectos mais aparentes de sua visibilidade” (KATZ, 2012, p. 17). Para a autora, é importante considerar o corpo além da noção de um processador de mensagens, pois, longe de apenas receber e transmitir informações, ele está em relação constante com o ambiente: “o corpo é aquilo que se apronta no processo coevolutivo de trocas com o ambiente. E como o fluxo de trocas não estanca, o corpo vive na plasticidade do sempre presente” (KATZ, 2011, p. 71). Ele é sempre transitório pelos ambientes em que circula, não podendo, então, ser considerado algo fixo e imutável: não há um único corpo universal que possa responder por todos.

Na busca de uma corporalidade democrática e livre, mostra-se necessário realizar uma leitura crítica e emancipatória do corpo da Moda, que seja capaz de liberar a existência corporal da ansiedade e angústia da busca permanente pela silhueta perfeita e beleza impecável. Para que tal desejo se realize, porém, teria que vir acompanhado de grandes alterações nos sistemas de poder, visto que a sociedade de controle atual é suportada por demandas biopolíticas que estão intimamente ligadas às concepções de corpo contemporâneas.

O primeiro passo, porém, foi dado. Perceber as trevas que estão escondidas junto às visibilidades do corpo da Moda (KATZ, 2012) é a esperança de que a reflexão seja acompanhada por posicionamentos coerentes e democráticos, que aceitem e respeitem as mais diversas formas de existência corporal, prezando pela liberdade e aceitação não só dos outros, mas também de si. Finalizo com as palavras da autora:

As luzes são evidentes, e o escuro faz parte delas. O que nos faltam são hábitos cognitivos para vê-lo. E assim como o escuro não é a ausência, uma não visão, um espaço onde não há nada para ser visto, mas um caso particular de visão, há que testar quais ações podem impedir que fiquemos saciados apenas pelo que está na luz, equivocadamente assumida como o único tipo de visão possível. (KATZ, 2012, p. 21).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTOLO, José. Introdução. **Corpo e sentido**: estudos intersemióticos. Covilhã: Livros LabCom, 2007. p. 1-33. Disponível em: < <http://www.labcom.ubi.pt/livroslabcom/>>. Acesso em: 24 out. 2012.
- CORBIN, Jacques. A influência da religião. In: _____. **História do corpo**: da Revolução à Grande Guerra. Tradução João Batista Kreuch e Jaime Clasen. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. 2.v. p. 57-100.
- COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura**: corpo e consumismo na moral do espetáculo. 5. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- COURTINE, Jean-Jacques. Os stakhanovistas do Narciso: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise. **Políticas do corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 81-114.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. 1.v.
- GÉLIS, Jacques. O corpo, a Igreja e o sagrado. In: VIGARELLO, Georges (Dir.). **História do corpo**: da Renascença às Luzes. Tradução Lúcia M. E. Orth. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. 1.v., p. 19-130.
- GOLDENBERG, Mirian. Invisíveis ou inclassificáveis? Gênero, corpo e envelhecimento na cultura brasileira. In: MESQUITA, Cristiane; CASTILHO, Kathia (Org.). **Corpo, moda e ética**: pistas para uma reflexão de valores. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2012. p. 61-77.
- KATZ, Helena. O meio é a mensagem: porque o corpo é objeto da comunicação. In: NORA, Sigrid (Org.). **Húmus 1**. Caxias do Sul: Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, 2004. p.11-19. Disponível em: <<http://www.helenakatz.pro.br/midia/helenakatz71149621002.jpg>>. Acesso em: 10 maio 2015.
- _____. Para ser contemporâneo da biopolítica: corpo, moda, trevas e luz. In: MESQUITA, Cristiane; CASTILHO, Kathia (Org.). **Corpo, moda e ética**: pistas para uma reflexão de valores. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2012. p. 17-26.
- _____. Por uma teoria crítica do corpo. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; CASTILHO, Kathia (Org.). **Corpo e moda**: por uma compreensão do contemporâneo. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e das Letras, 2011. p. 69-74.
- LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Tradução Marina Appenzeller. 2. ed. Campinas: Papirus, 2007.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução Maria Lucia Machado. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LOPES, Andrea et al. Envelhecimento e velhice: pistas e reflexões para o campo da moda. In: MESQUITA, Cristiane; CASTILHO, Kathia (Org.). **Corpo, moda e ética**: pistas para uma reflexão de valores. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2012. p. 51-59.

MALYSSE, Stéphane. A moda incorporada: antropologia das aparências corporais e megahair. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; CASTILHO, Kátia (Org.). **Corpo e moda**: por uma compreensão do contemporâneo. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. p. 105-124.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção**: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MATTHEWS-GRIECO, Sara F. Corpo e sexualidade na Europa do antigo regime. In: VIGARELLO, Georges (Dir.). **História do corpo**: da Renascença às Luzes. Tradução Lúcia M. E. Orth. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. 1.v., p. 217-302.

MÍDIA Kit 2015. **Vogue Brasil**. Disponível em:
<http://editora.globo.com/midiakit/vg/midiakit_vg.pdf>. Acesso em: 1 maio 2015.

MORAES, Andrea. O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Org.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2011. p. 427-452.

NOVAES, Joana de Vilhena. Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Org.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2011. p. 477-506.

ORY, Pascal. O corpo ordinário. In: COURTINE, Jean-Jacques (Dir.). **História do corpo**: as mutações do olhar. O século XX. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 3.v., p. 155-196.

PORTER, Roy; VIGARELLO, Georges. Corpo, saúde e doenças. In: VIGARELLO, Georges (Dir.). **História do corpo**: da Renascença às Luzes. Tradução Lúcia M. E. Orth. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. 1.v., p. 441-486.

PRADO, José L. Aidar. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: EDUC, 2013.

REALE, Giovanni. **Corpo, alma e saúde**: o conceito de homem de Homero a Platão. São Paulo: Paulus, 2002.

ROSE, Nikolas. **The politics of life itself**: biomedicine, power and subjectivity in the twenty-first century. New Jersey: Princeton University Press, 2007.

ROSE, Nikolas; ABI-RACHED, Joelle M. Personhood in a neurobiological age. In: _____. **Neuro**: The new brain sciences and the management of the mind. New Jersey: Princeton University Press, 2013. p. 199-224.

SANT'ANNA, Denise. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. Consumir é ser feliz. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; CASTILHO, Kátia (Org.). **Corpo e moda**: por uma compreensão do contemporâneo. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. p. 57-66.

_____. É possível realizar uma história do corpo?. In: SOARES, Carmen (Org.). **Corpo e História**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 3-23.

_____. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: _____ (Org.). **Políticas do Corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 121-139.

_____. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação**: sintoma da cultura. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SENNET, Richard. **Carne e pedra**. Tradução Marcos Aarão Reis. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. In: COURTINE, Jean-Jacques (Dir.). **História do corpo**: as mutações do olhar. O século XX. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 3.v, p. 109-154.

VOGUE. Ter ou não ter. n. 388, p. 338-339; 359, dez. 2010.